

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

CAMILE BONOTTO

**DESENVOLVIMENTO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO
DO CICLO DE VIDA DAS DESTINAÇÕES TURÍSTICAS**

CAXIAS DO SUL

2015

CAMILE BONOTTO

**DESENVOLVIMENTO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO
DO CICLO DE VIDA DAS DESTINAÇÕES TURÍSTICAS**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo.

Linha de pesquisa: Turismo, organizações e sustentabilidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marlei Salete Mecca

Coorientador: Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César

CAXIAS DO SUL

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

B719d Bonotto, Camile, 1982-
Desenvolvimento e validação de instrumento para identificação do ciclo
de vida das destinações turísticas / Camile Bonotto. – 2015.
115 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Turismo, 2015.
Orientação: Profa. Dra. Marlei Salete Mecca.

1. Turismo - Rio Grande do Sul. I. Título.

CDU 2.ed.: 338.48(816.5)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Turismo - Rio Grande do Sul 338.48(816.5)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Paula Fernanda Fedatto Leal – CRB 10/2291

“Desenvolvimento e validação de instrumento para identificação do ciclo de vida das destinações turísticas”

Camile Bonotto

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 18 de maio de 2015.

Banca Examinadora:


Profa. Dra. Marlei Salete Mecca (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul


Profa. Dra. Luciene Jung de Campos
Universidade de Caxias do Sul


Profa. Dra. Maria Carolina Rosa Gullo
Universidade de Caxias do Sul


Profa. Dra. Judite Sanson de Bem
Centro Universitário La Salle

AGRADECIMENTOS

É com profunda gratidão e apreço que começo agradecendo a todos que de forma direta e presente fizeram parte desta minha caminhada. Primeiramente, gostaria de agradecer a minha orientadora, Profa. Dra. Marlei Salete Mecca, pela disponibilidade, paciência e pelo profissionalismo, ingredientes sempre utilizados em nossos encontros e, principalmente, por ter me ensinado a amar ainda mais a pesquisa.

Gostaria também de agradecer ao meu coorientador, Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César com quem partilhei o broto daquilo que veio ser este trabalho, ainda quando aluna não regular.

Agradeço também ao meu pai Ovidio Bonotto *in memoriam* a minha mãe Daiva Cleonice Brandelli Bonotto e aos meus irmãos Simone Bonotto e Fábio Luiz Bonotto, por terem me ensinado que o conhecimento é algo que ninguém consegue nos roubar e com este conseguimos nos tornar indivíduos melhores.

Agradeço também ao meu grande amor, Fábio Henrique Panizzi, que de forma especial e carinhosa deu-me força e coragem, apoiando-me nos momentos de dificuldades. E a todos os que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

O modelo de ciclo de vida das destinações turísticas proposto por Butler (1980) surgiu de uma adaptação do marketing. Hoje, é uma das teorias do turismo mais conceituada e citada em trabalhos acadêmicos. Essa pesquisa busca responder à seguinte pergunta: Quais características devem ser contempladas em instrumento de pesquisa, capaz de identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística? Para identificar a fase em que o destino se encontra, é necessária a construção de um instrumento que possibilite coletar dados para esse fim. Portanto, esta pesquisa tem, como objetivo geral, desenvolver e validar um instrumento que possibilite identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística. Para responder à questão do estudo, utilizou-se pesquisa exploratória e descritiva, procedimentos técnicos e bibliográficos e estudo de caso. Foi possível validar o instrumento proposto na destinação turística gaúcha *Caminhos de Pedra* e identificar que na mesma há predominância de características das fases de envolvimento e desenvolvimento. Constatou-se, dessa forma, que as características contidas, no instrumento de pesquisa, possibilitam identificar em qual fase do ciclo de vida das destinações turísticas, encontra-se determinada destinação.

Palavras-chave: Ciclo de vida das destinações turísticas. Instrumento. Caminhos de Pedra.

ABSTRACT

Touristic destinations' life cycle model proposed by Butler (1980) arose from a marketing adaptation. Today, it is one of the tourism theories most prestigious and cited in academic works. That research seeks to answer the question: What characteristics must be contemplated on the research instrument, able to identify the certain touristic destination life cycle stage? To identify the stage in which the destination is, it takes to build a tool that allows collecting data required to this end. Therefore, this research has, as general objective, to develop and validate an instrument that allows identifying the certain touristic destination life cycle stage. To answer the question of the study, exploratory and descriptive research, technical and bibliographic procedures and case study were used. It was possible to validate the instrument proposed in *Caminhos de Pedra* gaucho touristic destination and identify that in it there is a characteristics predominance of the involvement and development stage. Therefore, it was found out itself, that the characteristics contained in the research instrument enable identifying in which of tourist destinations' life cycle stage is determined destination.

Keywords: Touristic destinations' life cycle. Instrument. Caminhos de Pedra.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sistema de Turismo (Sistur) – modelo empírico.....	21
Figura 2 – Sistema de Turismo (Sistur) – modelo referencial.....	23
Figura 3 – Ciclo de vida da destinação turística	35
Figura 4 – Palavras com maior incidência na pesquisa em artigos científicos.....	41
Figura 5 – Percentual de palavras utilizadas no resumo em artigos científicos	41
Figura 6 – Resumo da pesquisa bibliométrica.....	42
Figura 7 – Publicações por ano.....	43
Figura 8 – Publicações	44
Quadro 1 – Objetivos dos artigos e das dissertações analisadas	45
Quadro 2 – Instrumento para coleta de dados que possibilite identificar o ciclo de vida de uma destinação turística	50
Quadro 3 – Quantitativo de entrevistas	58
Quadro 4 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase de Exploração	62
Quadro 5 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase do Envolvimento	64
Quadro 6 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase de Desenvolvimento.....	66
Quadro 7 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase de Consolidação.....	68
Quadro 8 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase da Estagnação	70
Quadro 9 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase do Declínio	72
Quadro 10 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase do Rejuvenescimento	74
Tabela 1 – Resumo da pesquisa bibliométrica	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 TEMA	14
1.2 QUESTÕES NORTEADORAS DO ESTUDO	14
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.4 OBJETIVOS	16
1.4.1 Geral	17
1.4.2 Específicos	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 TURISMO.....	18
2.2 TURISTA	19
2.3 SISTEMA DE TURISMO	20
2.3.1 Conjunto das relações ambientais	24
2.3.2 Conjunto da organização estrutural	31
2.3.3 Conjunto das ações operacionais	31
2.4 DESTINAÇÕES TURÍSTICAS	33
2.5 CICLO DE VIDA DAS DESTINAÇÕES TURÍSTICAS	34
2.5.1 Estudos desenvolvidos sobre ciclo de vida da destinação turística.....	38
modelo proposto por Butler (1980).....	38
3 METODOLOGIA	47
3.1 MÉTODO DE PESQUISA	47
3.2 MÉTODO E PROCEDIMENTO PARA A CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO.....	48
INSTRUMENTO (QUESTIONÁRIO)	48
4 ANÁLISE DE DADOS	60
4.1 SÍNTESE DOS DADOS COLETADOS ATRAVÉS DO INSTRUMENTO	75
5 CONCLUSÃO	77
5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	78
5.2 OPORTUNIDADES PARA PESQUISAS FUTURAS	79
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE A – CASA DOS DOCES PREDEBON	93
APÊNDICE B – RESTAURANTE NONA LUDIA	94

APÊNDICE C – ATELIER JOÃO BEZ BATTI	95
APÊNDICE D – CASA DO TOMATE	96
APÊNDICE E – FOTO À MODA ANTIGA	97
APÊNDICE F – Pousada Cantelli	98
APÊNDICE G – Parque da Ovelha	99
APÊNDICE H – SALUMERIA	100
APÊNDICE I – CASA DAS MASSAS E ARTESANATO	101
APÊNDICE J – CASA FRACALOSI	102
APÊNDICE K – CASA DA TECELAGEM	103
APÊNDICE L – PORÃO DE PEDRA	104
APÊNDICE M – RESTAURANTE CASA VANNI	105
APÊNDICE N – CASA DAS PEQUENAS FRUTAS	106
APÊNDICE O – CANTINA STRAPAZZON	107
APÊNDICE P – VINÍCOLA SALVATI & SIRENA	108
APÊNDICE Q – CASA DAS CUCAS VITIACERI	109
APÊNDICE R – CASA DA ERVA-MATE	110
APÊNDICE S – CASA DA CONFECÇÃO	111
APÊNDICE T – CASA E VINÍCOLA FONTANARI	112
APÊNDICE U – LOVARA VINHOS FINOS	113
APÊNDICE V – ATUAL ESTOFADOS	114
APÊNDICE W – GRAN MANGIAR	115

1 INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo transformou-se em uma atividade econômica rentável no mundo (ACERENZA, 2002). Dados econômicos do Ministério do Turismo (2015) indicam que o mesmo evoluiu substancialmente nos últimos anos. O setor recebeu financiamento de R\$ 13,5 bilhões de instituições federais, contribuindo assim para o desenvolvimento dos principais segmentos do setor. O setor de viagens contribuiu com 9,5% para a economia global. A difusão da informação, a redução nos custos de transporte, os investimentos em infraestrutura e o aumento da renda no mundo têm oportunizado um crescimento considerável da demanda e, conseqüentemente, da oferta de serviços turísticos. O mercado turístico está cada vez mais competitivo, despertando a atenção de consumidores e ofertantes.

De fato, a demanda e a oferta são caracterizadas como relações comerciais de troca, pois, de acordo com Balanzá e Nadal (2003), a demanda é constituída por todos aqueles turistas que, de maneira individual ou coletiva, deslocam-se além de seu domicílio habitual, motivados pelos produtos ou serviços turísticos criados para satisfazer suas necessidades de lazer. Lage e Milone (2009) definem oferta turística como a quantidade de bens e serviços turísticos, que as empresas são capazes de oferecer a dado preço, em determinado período.

O consumo dos turistas não apenas se delimita ao pagamento do aluguel de um quarto num hotel, mas, também, destina-se parte da renda disponível a uma grande diversidade de serviços e aquisição de bens. Isso favorece, por sua vez, o aumento da demanda na região ou país receptor que, de outro modo, não existiria. Segundo Goeldner e Ritchie (2002, p. 19), “devido a sua expansão, o turismo passou de uma atividade restrita às camadas mais ricas da população para uma acessibilidade de massa, envolvendo milhões de pessoas”. De acordo com Ruschmann (1997), nos países desenvolvidos, as viagens turísticas já consolidaram seu valor socioeconômico, o que, com o passar dos anos, já se caracteriza como um “direito ao lazer”. Entretanto, tal direito passa a ser questionado diante dos efeitos negativos ao meio ambiente, provocados pelo afluxo massivo de turistas nas localidades receptoras.

Segundo Lage e Milone (2009), o grande crescimento das atividades turísticas intensificou-se na segunda metade do século passado, devido ao aumento

do tempo livre das pessoas, aos progressos dos meios de transporte e ao avanço das comunicações, que permitiram a expansão da oferta de produtos turísticos, e preços significativamente menores, intensificando a demanda. O cenário global da economia brasileira atesta que o turismo está conquistando espaço definitivo em diversos setores contemporâneos. Como atividade mundial em crescimento, representativa de um movimento de trilhões de dólares, mais especificamente 3,5 segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2014) e de distintos ramos de negócios, evidencia uma nítida tendência de expansão e prosperidade para os empresários da indústria de viagens, lazer, hotelaria e turismo. Para Rodríguez e Pallerols (2003), o turismo também representa uma oportunidade de desenvolvimento.

Tendo em vista que o turismo representa uma oportunidade de desenvolvimento e visando auxiliar o estabelecimento de estratégias de mercado, para prolongar ao máximo o interesse dos turistas e o tempo de existência da destinação turística, utilizou-se o modelo teórico do Ciclo de Vida da Destinação Turística desenvolvido por Butler (1980), para elaborar o instrumento da presente pesquisa. Diante do exposto, para validar o instrumento utilizou-se a destinação turística *Caminhos de Pedra* formulada em 1992. (CAMINHOS DE PEDRA, 2014). O mesmo tem como sede local a Linha Palmeiro de Bento Gonçalves – RS (CAMINHOS DE PEDRA, 2014). De acordo com Posenato (1983), o roteiro ampara descendentes dos primeiros imigrantes italianos que chegaram à região entre 1875 e 1914.

De acordo com o autor, entre 1875 e 1914, entraram no Rio Grande do Sul entre 80 a 100 mil italianos. No Brasil todo, entre 1875 e 1935, aportaram mais de 1,5 milhões de peninsulares, 70% dos quais ficaram em São Paulo. Os que se destinaram ao Rio Grande do Sul provinham quase exclusivamente do Norte da Itália: 54% eram vênnetos, 33% lombardos, 7% trentinos e 4,5% friulanos.

Segundo Posenato:

As terras não foram mais dadas, mas vendidas, embora por preço módico. Seguindo o esquema da colonização alemã, o solo foi dividido em travessões, ou linhas, ao longo das quais situavam-se os lotes rurais, tendo um tamanho que variava entre 15 e 35 hectares. Os italianos que entraram no Rio Grande do Sul vinham quase sempre em família (o governo não fazia questão de favorecer o acesso à terra para solteiros). Eram casais constituídos há pouco, tendo em média, ao chegar, de 2 a 3 filhos. Cerca de 90% eram agricultores, com um grau de alfabetização relativamente baixo,

se comparados aos alemães: cerca de 1/3 dos homens e 2/3 das mulheres não sabiam ler. (1983, p. 32).

De acordo com o citado anteriormente, no lote rural do italiano, a própria família executava todas as tarefas, muito raramente utilizando o serviço de empregados. A autoridade do pai, como verdadeiro patriarca, era acatada sem restrições mesmo pelos filhos casados que com ele residiam; esse fato explica por que tantas vezes os filhos homens, após o casamento, ainda permaneciam com as respectivas famílias na casa paterna. Segundo a ótica da sociedade da imigração italiana, pais, filhos e netos formavam apenas uma família: as filhas, após o casamento, passavam a fazer parte da família do marido.

Segundo Posenato (1983), ao longo de rotas, é possível visualizar edificações representativas da colonização italiana que instalou-se no local. As edificações de pedra e as vias que foram pavimentadas deram origem a *Caminhos de Pedra*. Também foram resgatados elementos da cultura italiana, com a retomada de atividades tradicionais e de expressões culturais, e também criados corais, orquestra, grupo de dança e de cursos de língua italiana. Quando formulado em 1992, *Caminhos de Pedra* possuía quatro pontos de visita, sendo eles: Cantina Strapazon, Ferraria Ferri, Casa Bertarello e Casa Merlo. Passados cinco anos, em 10 de julho de 1997, com assessoria do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), foi inaugurada a Associação Caminhos de Pedra, reunindo empreendedores e simpatizantes. Foi elaborado um projeto que contemplava o resgate de todo o patrimônio cultural, não só o arquitetônico, mas língua, folclore, arte e habilidades manuais. (CAMINHOS DE PEDRA, 2014).

Passados 23 anos, o Roteiro Caminhos de Pedra é composto por 23 pontos de visita, sendo eles: Casa dos Doces Predebon (APÊNDICE A), Restaurante Nona Ludia (APÊNDICE B), Atelier João Bez Batti (APÊNDICE C), Casa do Tomate (APÊNDICE D), Foto à Moda Antiga (APÊNDICE E), Pousada Cantelli (APÊNDICE F), Parque da Ovelha (APÊNDICE G), Salumeria (APÊNDICE H), Casa das Massas e Artesanato (APÊNDICE I), Casa Fracalossi (APÊNDICE J), Casa da Tecelagem (APÊNDICE K), Porão de Perda (APÊNDICE L), Restaurante Casa Vanni (APÊNDICE M), Casa das Pequenas Frutas (APÊNDICE N), Cantina Strapazon (APÊNDICE O), Vinícola Salvat & Sirena (APÊNDICE P), Casa das Cucas Vitiaceri (APÊNDICE Q), Casa da Erva-Mate (APÊNDICE R), Casa da Confecção

(APÊNDICE S), Casa e Vinícola Fontanari (APÊNDICE T), Lovara Vinhos Finos (APÊNDICE U), Atual Estofados (APÊNDICE V) e Gran Mangiar (APÊNDICE W).

No período de 23 anos, a destinação turística Caminhos de Pedra passou a ofertar um número maior de atrativos aos seus visitantes. A partir da identificação do ciclo de vida, pode-se estabelecer estratégias de mercado para prolongar ao máximo o interesse e o tempo de existência da destinação. Dessa forma esta pesquisa pretende desenvolver e validar um instrumento que possibilite a identificação da fase em que se encontra determinada destinação.

O instrumento proposto no estudo teve como base o modelo referencial do *ciclo de vida da destinação turística* proposto por Butler (1980). Para a validação do mesmo, é aplicado na destinação turística *Caminhos de Pedra*, visando identificar em que fase a mesma se encontra.

Foi realizada uma pesquisa, na base de dados do *Centre International de Recherches et d' Etudes Touristiques* (Ciret), voltada às áreas do turismo, lazer e da recreação, utilizando as publicações dos últimos 10 anos, e no Domínio Público pertencente ao CNPQ, não foi localizada pesquisa com o objetivo norteador do tema proposto nesta dissertação.

Portanto, pretende-se com esta pesquisa construir e validar o referido instrumento, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do turismo na Serra gaúcha e em outras localidades.

1.1 TEMA

Desenvolvimento e validação de instrumento para identificação do *ciclo de vida da destinação turística*.

1.2 QUESTÕES NORTEADORAS DO ESTUDO

Tendo por base o comportamento do setor turístico, e o objetivo de estudar o crescimento e o declínio dos equipamentos turísticos, Butler (1980) desenvolveu o modelo *ciclo de vida da destinação turística*, compreendido pelas fases de: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação, declínio e rejuvenescimento.

O tema originário desta pesquisa surgiu da vontade da pesquisadora em contribuir, de alguma forma, ao desenvolvimento turístico. Para contribuir com o desenvolvimento do turismo e identificar o crescimento ou o declínio do mesmo, a pesquisadora definiu para estudo de caso a cidade onde nasceu, Bento Gonçalves (RS). Foi também analisada a acessibilidade aos dados quantitativos e qualitativos e a proximidade do ambiente da pesquisa. Com a intenção de contribuir ao desenvolvimento turístico de Bento Gonçalves, e tendo em vista os vários atrativos disponibilizados pelo município, optou-se em validar o instrumento proposto no destino turístico dos *Caminhos de Pedra*. O destino pesquisado está voltado às atividades turísticas há mais de 20 anos.

O mesmo está voltado às atividades turísticas em razão de possuir um vasto acervo arquitetônico da imigração italiana em meio rural. Segundo Posenato (1983), a destinação pesquisada possui a melhor arquitetura popular brasileira. Visando preservar a cultura que os imigrantes italianos trouxeram à Serra gaúcha, a partir de 1875, foi criado o Roteiro Turístico Caminhos de Pedra pelo engenheiro Tarcísio Vasco Michelin e pelo arquiteto Júlio Posenato. Inicialmente, foi efetuado um levantamento do acervo arquitetônico em 1987, mais especificamente, no interior do município de Bento Gonçalves. De acordo com Posenato (1983), verificou-se então que a Linha Palmeiro e parte da Linha Pedro Salgado, áreas abrangidas pelo Distrito de São Pedro, composta por sete comunidades (São Pedro, São Miguel, Barracão, São José da Busa, Cruzeiro, Santo Antônio e Santo Antoninho), possuíam algumas características peculiares: grande acervo de casas antigas, conservação da cultura e história. Embora a existência de um abandono, que vinha ocorrendo desde 1970, com a mudança de traçado da rodovia que ligava Porto Alegre ao norte do estado, essa área possuía, também, um acesso facilitado, o que poderia torná-la um grande potencial turístico.

O primeiro grupo de turistas que visitaram o roteiro turístico *Caminhos de Pedra* era originário da cidade de São Paulo e chegou até o mesmo através da operadora CVC, em 30 de maio de 1992. O grupo percorreu os seguintes atrativos: Casa Merlo, Casa Bertarello, Ferraria Ferri e Cantina Strapazon. O sucesso do roteiro animou tanto os idealizadores como a comunidade local, que, em 10 de julho de 1997, com assessoria do Sebrae, foi fundada a Associação Caminhos de Pedra, congregando empreendedores e adeptos. A partir disso, montou-se um projeto que contemplava o resgate do patrimônio cultural, isto é: língua, folclore, arte,

habilidades manuais, etc. O fato de abrigar o maior acervo arquitetônico da imigração italiana, e a existência de uma preocupação com a preservação, renderam ao roteiro turístico *Caminhos de Pedra* o qualitativo de “museu vivo”. No ano de 2009, por iniciativa do Departamento Estadual que, com o apoio do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphae), foi declarado o Roteiro Turístico Caminhos de Pedra patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul. A Associação Caminhos de Pedra, atualmente, conta com mais de uma centena de associados e recebe uma visitação média anual de 60.000 turistas. (CAMINHOS DE PEDRA, 2014).

Surtem então algumas indagações relacionadas à destinação Caminhos de Pedra: Ocorreu alguma variação no número de visitantes (aumentou ou diminuiu)? Por que alguns atrativos não se desenvolveram e acabaram fechando? Como anda a preservação dos aspectos: arquitetônicos, linguísticos, do folclore e da arte no Roteiro Turístico Caminhos de Pedra? Como é o contato do turista com os residentes locais? A quem pertencem os atrativos do Roteiro Turístico Caminhos de Pedra (residentes)? Houve melhorias nos atrativos turísticos com o passar dos anos? Como o turista ficou conhecendo o Roteiro Turístico Caminhos de Pedra? O turismo é uma fonte representativa para a economia local? Em relação à paisagem, fauna e flora, houve alterações com a formação do roteiro turístico Caminhos de Pedra?

Visualizou-se, a partir desta grande potencialidade, o tema central da pesquisa, visto que, para o desenvolvimento e a consolidação da destinação turística, é importante identificar a fase em que se encontra a destinação; porém, primeiramente, para conseguir alcançar este resultado com êxito, deve-se ter uma forma desenvolvida e validada instrumentalmente para identificação do ciclo de vida.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais características devem ser contempladas em instrumento de pesquisa, capaz de identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Geral

O presente trabalho tem por objetivo geral desenvolver e validar um instrumento que possibilite identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística.

1.4.2 Específicos

- desenvolver, a partir da literatura estudada, um instrumento que possibilite identificar a fase do *ciclo de vida de determinada destinação turística*;
- definir uma destinação turística para aplicação do instrumento proposto;
- descrever/apresentar as características, desde a constituição, da destinação definida;
- coletar dados, utilizando o instrumento proposto, com residentes, turistas, associação da destinação turística, Poder Público e atrativos;
- analisar os dados e gerar informações que permitam identificar a fase do *Ciclo de vida da destinação turística* definida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No capítulo dois, é apresentada a conceituação do turismo; o modelo teórico do Sistema de Turismo proposto por Beni, no qual serão abordados os conjuntos das relações ambientais, da organização estrutural e das organizações; a conceituação e caracterização de destinação turística. É apresentada ainda a conceituação e caracterização do ciclo de vida das destinações turísticas.

2.1 TURISMO

Segundo Sessa (1993), o turismo é considerado uma atividade industrial, pois nele existe um processo de transformação da matéria-prima para a elaboração do produto que, posteriormente, será comercializado. Barretto (1995) e De La Torre (1997) definem turismo como um fenômeno puramente social. Já para Lickorish e Jenkins (2000), a elucidação de turismo compreende a maior parte dos viajantes que estão fora de casa, independentemente do motivo da viagem. Ignarra (2002, p. 25) define turismo como “[...] o deslocamento de pessoas de seu local de residência habitual por períodos determinados e não motivados por razões de exercício profissional constante”. Acerenza (2002) considera o turismo como um exercício do direito à liberdade que as pessoas têm. De acordo com a OMT (2003), o turismo é entendido como uma atividade de pessoas que viajam e permanecem fora de seu ambiente habitual, por um período maior de 24 horas. Beni (2007) compreende o turismo como um complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Ignara (2002, p. 23) salienta que “o conceito de turismo é uma matéria bastante controversa, segundo os vários autores que tratam desse assunto. O turismo está relacionado com viagens, porém não são todas as viagens que são consideradas como turismo”.

De acordo com Goeldner e Ritchie,

o turismo é um composto de atividades, serviços e setores que proporcionam uma experiência de viagem: estabelecimentos de transporte, hospedagem, alimentação, compras, entretenimento, locais para atividades e outros serviços de hospitalidade disponíveis para indivíduos ou grupos que estejam viajando para longe de onde vivem. Ele engloba todos os prestadores de serviços e visitantes e correlatos. O turismo é a soma de todo o setor mundial de viagens, hotéis, transporte e todos os outros componentes, incluindo promoção, que atende às necessidades e aos desejos dos visitantes. Por fim, turismo é a soma total das despesas

turísticas dentro das fronteiras de uma nação ou subdivisão política, ou uma área em torno de uma estrutura de transporte de estados ou nações contíguas. Este conceito econômico leva em consideração a capacidade de multiplicação de renda dessas despesas turísticas. (2002, p. 23).

Para Panosso Netto (2013), o turismo é visto como um conjunto de relações decorrentes de viagens e estadas de forasteiros, desde que não vinculados a alguma atividade produtiva nem com residência permanente. Já para Beni (2003), é através do composto de atividades do turismo, ou seja, serviços e setores envolvidos no mesmo, que se consegue promover o aumento e o desenvolvimento do comércio nacional e internacional. Também ressalta-se que este aumento e desenvolvimento é ocasionado em função da figura do turista, que será tratada no próximo item deste capítulo.

2.2 TURISTA

Para Trigo (1998, p. 27), “turista é aquele que chega com um roteiro predeterminado e com data certa de voltar”. Para Pelegrini Filho (2000), é considerado turista o indivíduo que se desloca, por menos de 24 horas e, portanto, sem a necessidade de realização de pernoite, em equipamentos de hospedagem em sua cidade de origem, ou em outras cidades próximas.

Segundo Urry

O turista é uma espécie de peregrino contemporâneo, procurando autenticidade em outras “épocas” e em outros “lugares”, distanciados de sua vida cotidiana. Os turistas demonstram em especial fascínio pelas “vidas reais” dos outros, que, de certo modo, possuem uma realidade difícil de descobrir em suas próprias experiências. A moderna sociedade está, portanto, institucionalizando rapidamente os direitos dos forasteiros de examinar seu funcionamento. (2001, p. 24-25).

Para Badaró (2002, p. 49) “turista é visitante que permanece, pelo menos uma noite, num alojamento coletivo ou particular, no lugar visitado”. Segundo o mesmo autor (2002, p. 49), visitante é o “indivíduo que se desloca a um lugar diferente daquele de sua residência habitual, por uma duração inferior a 365 dias, desde que o motivo principal da viagem não seja o de exercer uma atividade remunerada no lugar visitado”. Para Ascanio (2003, p. 174), “o turista é o sujeito demandante dos serviços turísticos, mas, antes de tudo, é um ‘consumidor’ de espaços geográficos e de atrativos”. De acordo com Raposo et al. (2004, p. 43),

turista é o “viajante que passe ao menos uma noite fora do seu domicílio. Os demais são chamados viajantes”.

Para Beni (2008, p. 35), turistas são “visitantes temporários que permaneçam pelo menos vinte e quatro horas no país visitado, cuja a finalidade de viagem pode ser classificada sob um dos seguintes tópicos: lazer (recreação, férias, saúde, estudo, religião e esporte), negócios, família, missões e conferências”.

Para Panosso Netto e Gaeta (2010), o turista da atualidade quer mais do que apenas alguns dias para descansar. Ele deseja que sua vontade e suas expectativas sejam atendidas; o mesmo busca viagens que o façam passar por sensações ímpares, ou seja, o turista almeja produtos e serviços diferenciados, que lhe proporcionem uma experiência marcante, seja na hospedagem, seja na gastronomia. Com o objetivo de entender as expectativas do turista da atualidade e melhor analisar os fatores que envolvem este processo turístico, será abordado no próximo item o modelo teórico do Sistur, desenvolvido por Beni.

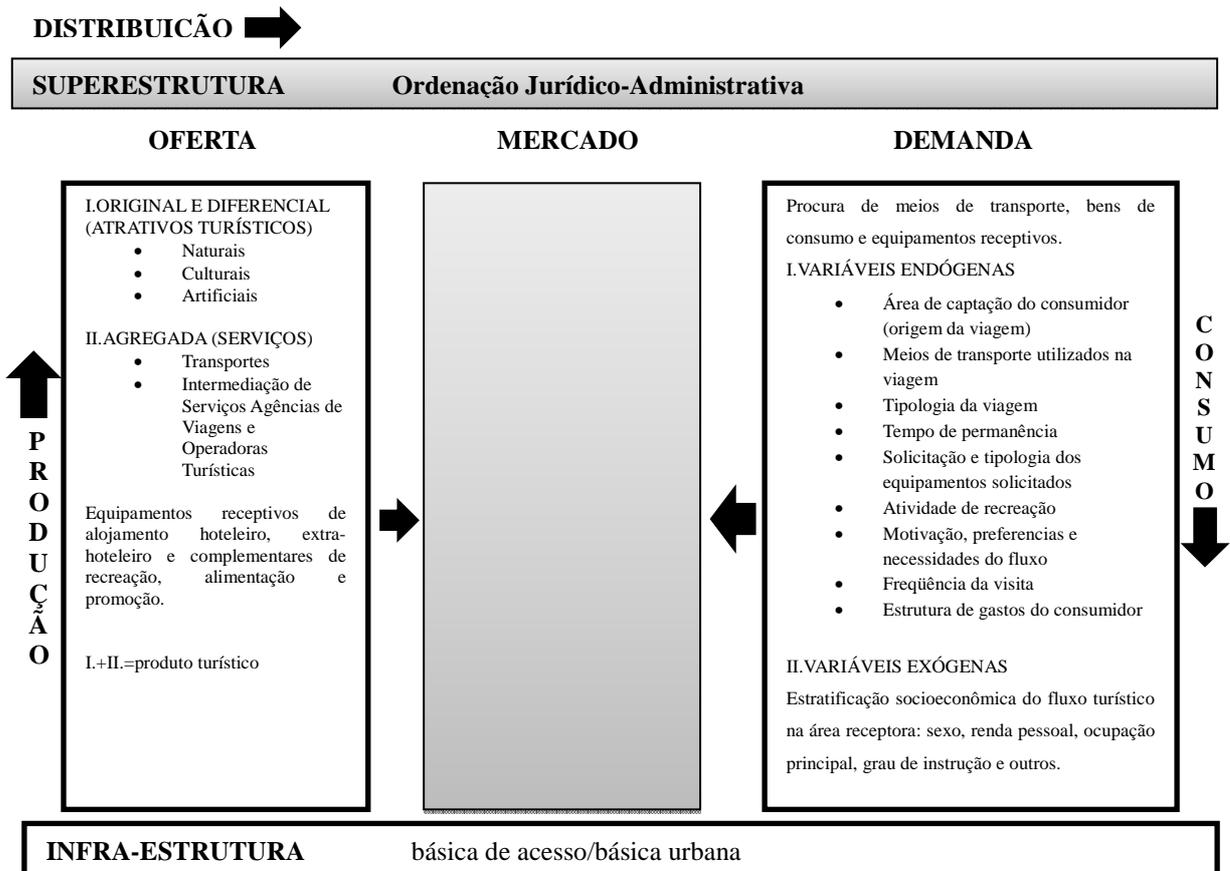
2.3 SISTEMA DE TURISMO

Bertalanffy (1973) desenvolveu, com base na Biologia, uma visão global e sistêmica da vida, conseguindo transmitir a ideia de que o organismo é um todo maior que a soma de suas partes. Segundo as ideias de Bertalanffy (1973), a teoria geral dos sistemas possibilitou compreender os princípios da integralidade e da auto-realização em todos os níveis. Katz e Kahn (1976) complementam as ideias de Bertalanffy e aplicam o mesmo sobretudo nas organizações. Leiper (1979) e Paiva (1995) creem que um sistema de turismo é caracterizado como um sistema aberto, moldando-se a fatores ambientais, como econômicos e sociais. Sessa (1983) apresenta o sistema de turismo a partir da oferta com os três semiagregados do turismo. O primeiro semiagregado representado pelo autor é a matéria-prima, a infraestrutura é o segundo e, por último, o subsistema cultural. Já para Hall (2001), um sistema abrange: primeiramente o conjunto de elementos conhecidos como entidade, depois o conjunto de relacionamentos entre estes elementos, e finaliza com o conjunto de relacionamentos entre estes elementos e o ambiente.

O modelo referente ao sistema de turismo, base desta pesquisa, é o modelo proposto por Beni. O mesmo será detalhado desde sua origem até o modelo referencial utilizado atualmente.

Beni (2008) questionou, em seus estudos, a inexistência de uma análise abrangente da totalidade dos fenômenos turísticos, pois identificou que, quando estudava os mesmos, estes não estavam de forma alguma correlacionados com os demais. Com base nisso, Beni construiu, em sua tese de doutorado, o primeiro modelo didático que inspirou a elaboração do modelo referencial do Sistema de Turismo (Sistur), conforme Figura 1.

Figura 1 – Sistema de Turismo (Sistur) – modelo empírico



Fonte: Beni (2008, p. 41)

O modelo teórico (empírico) criado por Beni em 1988, apresentado na Figura 1, foi fundamentado na concepção de mercado regulado pelas forças da oferta e demanda, além da superestrutura e da infraestrutura, estabelecendo ciclos de produção, distribuição e consumo.

Para efeito de compreensão, Beni (2008) explica as três linhas indicadas na Figura 1: a primeira, oferta, procura saber quais são os segmentos produtivos e as empresas que devem ser consideradas essencialmente como “turísticas” e que integram o setor de turismo na economia; a segunda, mercado, procura definir as

relações de turismo com o restante de atividades econômicas, para o que serve, a partir das definições dele provenientes, da primeira linha de análise teórica, que considera a atividade a partir do lado da oferta, e a última dessas linhas, que o faz a partir da demanda; a terceira, demanda, gira em torno da própria definição de turista, cujas atividades, por extensão, permitem determinar o que se entende por turismo.

A partir do modelo empírico, Beni aprimorou o Sistur, tendo como objetivo geral:

Organizar o plano de estudos da atividade de Turismo, levando em consideração a necessidade, há muito tempo demonstrada nas obras teóricas e pesquisas publicadas em diversos países, de fundamentar as hipóteses de trabalho, justificar posturas e princípios científicos, aperfeiçoar e padronizar conceitos e definições, e consolidar condutas de investigações para instrumentar análises e ampliar a pesquisa, com a conseqüente descoberta e desenvolvimento de novas áreas de conhecimento em Turismo. (2008, p. 47).

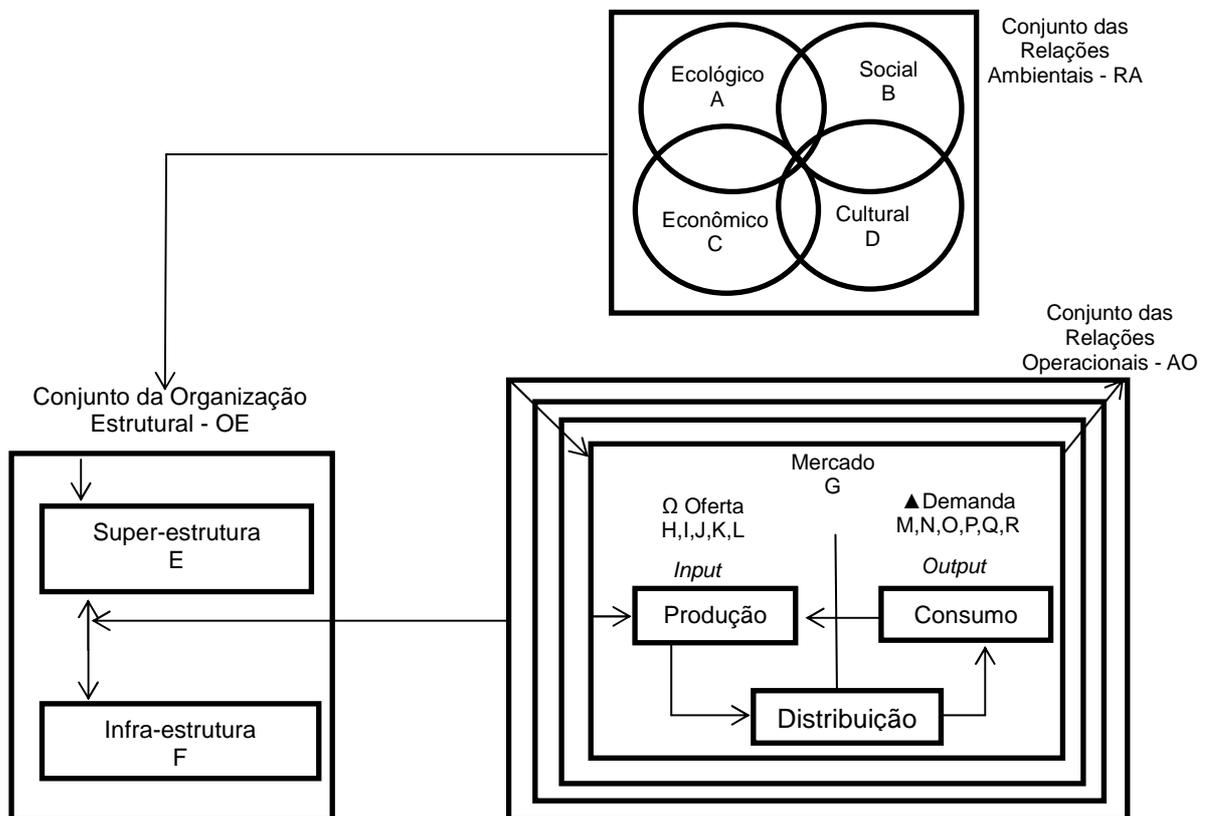
O modelo empírico de Beni (2008, p. 47-48) tem como objetivos específicos:

- identificar características e classificar os fatores que determinam as motivações de viagens e a escolha das áreas de destinação turístico-recreativa;
- inventariar, de forma estruturada e sistêmica, o potencial de recursos turísticos naturais e culturais do território para a exploração racional da atividade de turismo e recreação;
- dimensionar a oferta existente e/ou projetada de transportes e equipamentos, instalações e serviços para o processo de ocupação turístico-recreativa do território;
- qualificar e determinar a demanda existente e/ou projetada de bens e serviços turísticos;
- diagnosticar deficiências, pontos críticos, de estrangulamento e desajustes entre a oferta e a demanda;
- permitir a previsão do comportamento do mercado através da análise de tendências;
- formular diretrizes de reorientação de programas de ação para determinar o planejamento estratégico de desenvolvimento do setor;
- planejar e executar o desenvolvimento do produto turístico, mediante a preparação de um plano integral de marketing;

- avaliar e executar campanhas de promoção do produto turístico;
- analisar o significado econômico do turismo e seu efeito multiplicador no desenvolvimento nacional;
- organizar a atividade de turismo, na estrutura administrativa do setor público;
- elaborar a estrutura otimizada do órgão nacional de turismo;
- indicar procedimentos de execução e de controle de gestão setorial e global e políticas ágeis em seus subconjuntos;
- criar modelos formais e matemáticos das matrizes de relações das funções e operadores.

Segundo Beni (2008), o modelo empírico do Sistur, desenvolvido em 1988, tem por base os estudos da Teoria Geral do Sistema. A partir dessa base, Beni (2008) configurou o diagrama do Sistur (Modelo Referencial), conforme Figura 2. O mesmo é composto por três grandes conjuntos: Conjunto das Relações Ambientais, Conjunto da Organização Estrutural e Conjunto das Relações Operacionais.

Figura 2 – Sistema de Turismo (Sistur) – modelo referencial



Fonte: Beni (2008, p. 50).

Segundo Beni (2008), o modelo referencial do Sistor é composto pelos seguinte conjuntos, também denominados de subsistemas:

- Conjunto das Relações Ambientais, composto por: ecológico, cultural, econômico e social;
- Conjunto da Organização Estrutural, composto por: superestrutura e infraestrutura;
- Conjunto das Relações Operacionais, composto por: mercado, oferta, produção, distribuição e consumo.

De acordo com Beni (2008), cada componente desses três conjuntos pode ser considerado um subsistema em si, já que apresenta funções próprias e específicas, assumindo características individualizadas. Essas funções, quando organizadas para explicar e justificar o fenômeno do turismo, já delineiam o arcabouço do sistema com objetivos em si. Assim, serão dissertados, no próximo item desta pesquisa, os três conjuntos que compõem o Sistor, com o objetivo de entender melhor cada subsistema e sua interação com o sistema total.

2.3.1 Conjunto das relações ambientais

Neste item, será detalhado o conjunto das relações ambientais do sistema de turismo proposto por Beni, o mesmo é formado pelos ambientes: econômico, social, cultural e ecológico do turismo. Serão analisados primeiramente os aspectos positivos e posteriormente os negativos condizentes com os mesmos.

2.3.1.1 Ambiente econômico

Conforme Cunha (1997), do ponto de vista econômico, o turismo envolve todos os deslocamentos de pessoas, os quais as obrigam ao pagamento de prestações e serviços durante a sua permanência temporária, fora de seu domicílio habitual.

De acordo com Beni:

Visto como atividade econômica, o Turismo compreende uma série de serviços que são oferecidos aos viajantes, que se desloca de sua cidade de origem e permanece em outra destinação por motivos profissionais, férias, negócios, atividades esportivas, de saúde, assuntos de família, culturais, ou por qualquer outra razão. O conjunto de serviços efetivamente colocados no

mercado constitui a cadeia de sua produção, distribuição, consumo e valor. Analisa as alternativas de utilização dos recursos existentes para a produção turística nos destinos turísticos, a distribuição e circulação de renda gerada pela atividade e como e por que se processam os períodos de expansão e retração dos fluxos nacionais e internacionais de turistas. Estuda, também, por um lado, a lógica do comportamento econômico dos viajantes (a decisão de viajar, o deslocamento, a hospedagem, a realização dos motivos da viagem, a permanência e os gastos) e, por outro, o comportamento das empresas e agentes públicos que operam nas localidades emissoras e receptoras. (2008, p. 66).

Cunha (1997) diz que os fatores econômicos têm uma influência decisiva sobre a evolução do turismo, existindo uma relação estreita entre a situação econômica e as tendências do turismo. De fato, é o aumento do rendimento e a melhoria do nível de vida que provoca impacto positivo no turismo.

Lickorish e Jenkins dissertam sobre o impacto econômico do turismo:

Tem-se notado que os impactos econômicos do turismo são frequentemente observados a curto prazo, ou até mesmo imediatamente. Podem-se ver turistas chegando em aeroportos e gastando dinheiro. Os impactos sociais e culturais levam muito mais tempo para acontecer e, com mudanças qualitativas, podem ser sutis e difíceis de manusear. Em alguns casos, faz-se muito pouco para monitorar essas mudanças até que um dia, elas explodem em uma expressão violenta de descontentamento. Tais explosões freiam a ida de turistas a um determinado país ou até mesmo em uma região, e desfazem anos de construção paciente (e custosa) de uma imagem. A prioridade é identificar os conflitos em potencial e minimizar as possibilidades de que eles se concretizem. (2000, p. 109).

Masina (2002) diz que o ingresso de divisas na destinação turística não representa apenas uma fonte de receitas para as empresas que estão diretamente vinculadas ao turismo, pois este beneficia outros setores econômicos, através do chamado: efeito multiplicador da renda. Esse efeito é decorrência da interdependência entre os diferentes setores econômicos; assim, quando ocorre um aumento na demanda de bens e serviços de um determinado setor, este provocará aumentos na demanda de bens e serviços de outros setores econômicos. Dessa forma, a receita provocada pelo gasto turístico irá fluir para outros setores produtivos, à medida que o setor turístico puder repor seus estoques de mercadorias de toda a espécie, pagando salários, impostos e taxas. Sabe-se que isso provocará não apenas um aumento da renda local, mas também sua distribuição entre novos consumos e novos investimentos dentro da própria economia.

Ignarra (2002) cita os impactos econômicos que mais beneficiam uma localidade turística, são:

- aumento das receitas;
- aumento dos recebimento de divisas;
- geração de empregos;
- estímulo aos investimentos;
- redistribuição de renda;
- geração de impostos.

Segundo Beni:

O Turismo é manifestação e continua atividade produtiva, geradora de renda, que se acha submetida a todas as leis econômicas que atuam nos demais ramos e setores industriais ou de produção. Por outro lado, provoca indiretamente acentuadas repercussões econômicas em outras atividades produtivas através do efeito multiplicador. (2008, p. 67).

Centurião et al. (2013) dizem que o turismo se constitui como uma importante fonte de geração de emprego e renda e como uma ampliação da arrecadação pública e, ainda, geração de possibilidades de acesso a lazer e cultura à população local.

Porém, de acordo com Masina (2002), poderão ocorrer impactos negativos devido a diferenças econômicas e sociais entre turistas e residentes. O desnível de renda e a diferente condição social podem trazer alguma tensão em determinados destinos, principalmente quando esses estão localizados em áreas pouco desenvolvidas. Com isto, corre-se o risco de criar certa dependência econômica entre o país emissor e o país receptor, dependendo do grau de necessidade de recursos econômicos provenientes do turismo, que o país receptor exige para o seu próprio desenvolvimento econômico. Outro impacto negativo identificado numa região receptora é o chamado efeito demonstração. Os hábitos e costumes dos turistas, por representarem um padrão de vida mais elevado, podem provocar uma desculturalização do destino turístico, fazendo da cultura local sua identidade e, assim, comprometendo ou desfigurando aquele atrativo cultural que deu início ao deslocamento da demanda para a região ou o destino turístico. O mesmo autor também relata que, em função da sazonalidade relacionada à forte concentração da atividade turística em determinadas épocas do ano, existe a possibilidade de emprego temporal, sem exigir dos empregados grandes inversões na qualificação da mão de obra. Porém, a médio e longo prazos, a formação e especialização de mão de obra é uma imposição do próprio mercado turístico.

2.3.1.2 Ambiente social

Segundo Lynch (1982), uma estrutura física é capaz de produzir uma imagem clara, desempenhando também um grande papel social. De acordo com Nogueira (1987), as artes plásticas, o artesanato, as manifestações populares e religiosas contribuem para a formação da identidade de um povo e também pode passar a ser uma atribuição cívica da população local. Esse contato social segundo Dias (2005), proporcionado pelo turismo, auxilia a desmitificação da imagem do outro, isto é, torna-o mais humano.

De acordo com Beni:

Estamos envolvidos em uma nova experiência da humanidade. O que realmente está mudando é a maneira de “estar no mundo”, o tipo de relação que o homem estabelece com as coisas, com seus semelhantes, com as instituições, com seus próprios valores e consigo mesmo. (2008, p. 78).

O mesmo pode ocasionar na localidade impactos positivos e negativos; assim, tratar-se-á de ambos e, segundo a CNTur (2014), o turismo social tem os seguintes aspectos positivos:

- educa através do turismo com roteiros culturais;
- valoriza o patrimônio da cidade;
- resgata a história e a compreensão da realidade contemporânea, para que a população acesse os bens culturais, entre em contato com a natureza e valorize sua autoestima.

De acordo com Oliveira (2008), os principais impactos sociais negativos, com a implantação de alguns empreendimentos turísticos, são:

- crescimento descontrolado das cidades;
- prostituição adulta e infantil;
- doenças sexualmente transmissíveis;
- aumento de outras doenças decorrentes de carência de estrutura, ausência total de saneamento básico e ausência de local apropriado para o abatimento de animais;
- aumento e proliferação do consumo de drogas;
- desemprego, uma vez que, ao término da execução de grandes obras, ficam pessoas desempregadas.

De acordo com Beni:

[...] o Turismo é eminentemente um “fenômeno social” que, ao originar toda uma série de atividades, como transporte, alojamento, recreação e outras, as faz gerar outra série de efeitos sobre o meio ambiente em que se desenvolvem e que podem ser de caráter econômico, social, cultural e até ecológico. (2008, p. 112).

Tendo em vista a quantidade e a amplitude dos impactos negativos mencionados por Oliveira (2008), torna-se cada vez mais difícil descobrir a solução para o funcionamento harmonioso do turismo social.

2.3.1.3 Ambiente cultural

De acordo com Ignarra (2003), o turismo cultural engloba todos os aspectos das viagens pelos quais o turista conhece a vida e o pensamento da comunidade receptiva. Segundo o mesmo autor, os canais pelos quais uma localidade turística se apresenta são: artesanato, folclore, religião, gastronomia típica, arquitetura histórica e arquitetura contemporânea. Para Dias e Pimenta (2005), o turismo cultural valoriza o patrimônio histórico e cultural, o que contribui para construir e consolidar a identidade social dos cidadãos da localidade. Já para Molinar (2006), o turismo é um fenômeno essencialmente cultural. Panosso Netto e Gaeta (2010, p. 173) dizem que “o turismo cultural possui, como objetivo, propiciar experiências que gerem um processo educativo informal, oportunizando o desenvolvimento cultural dos turistas, podendo ter como consequência a preservação do recurso visitado”. Oliveira (2010, p. 66) aponta o seguinte: “A variedade de instalações para os visitantes, as diversas atrações das cidades, sua herança cultural e os diversos tipos de lazer e recreação, oferecem as mais diversas experiências aos visitantes.”

Segundo Beni:

Os recursos turísticos culturais são, pois, os produtos diretos das manifestações culturais. Como não existe uma cultura apenas – já que cultura pode ser entendida como conjunto de crenças, valores e técnicas para lidar com o meio ambiente, compartilhado entre os contemporâneos transmitindo de geração a geração -, vê-se que o que até agora foi apreendido e compreendido como cultura norte-americana, francesa, italiana, espanhola e tantos outros rótulos nacionais, nada mais é que uma coleção de subculturas, tanto quantos sejam os grupos humanos que as produzem. (2008, p. 90).

O mesmo pode impactar tanto positivamente como negativamente na localidade. Barretto (2007) cita alguns impactos positivos do turismo cultural, como: turismo de minorias; menos efeitos negativos nos núcleos receptores; há um respeito do turista com o modo de vida da população local, e estes são considerados turistas que consomem estados de espírito, ao invés de lugares ou coisas materiais. Nesse sentido, a mesma autora diz que um estudo realizado nos Estados Unidos e no Canadá confirmou que os turistas culturais têm mais dinheiro que outros, gastam mais e permanecem mais tempo no local; têm nível de educação mais elevado, predominando o gênero feminino e a faixa etária adulta.

Beni afirma:

É por isso que hoje o chamado turismo cultural se desdobra em tantos títulos: ecológico, antropológico, religioso, arqueológico, artístico, arqueoteosófico e muitos outros. São turismos de moda ou de avanço humano, na dependência do tipo de valor que domina as preocupações da sociedade em um dado momento, e que se caracterizam por necessidades sentidas e determinadas pelas mudanças ou pela falta de mudanças na ordem estabelecida das coisas, que deixam de atender às expectativas do homem em seu lugar no universo, ou que lhe permitem uma busca para adentrar em novas dimensões, em um desconhecido investigável, experimental, na teoria e na prática. (2008, p. 90).

Para Ignarra (2002), o turismo pode impactar negativamente nas manifestações culturais tradicionais, como o folclore. O desfile de carnaval é um modelo de como a demanda pode modificar essas tradições. Em nome de uma melhor visibilidade, o desfile foi se transformando ao longo do tempo para ser mostrado para as arquibancadas ou para ficar mais plasticamente apresentável na televisão. Da mesma forma, outras manifestações têm sido modificadas, como é o caso do “boi-bumbá” na Amazônia. Eventos com datas tradicionais para ocorrerem passam a ser organizados em outros períodos, para atender o crescimento da demanda, como é o caso dos inúmeros carnavais fora de época, organizados pelo Brasil afora ou das representações de Nova Jerusalém, feitas fora dos períodos da Semana Santa, para atender determinadas demandas turísticas.

2.3.1.4 Ambiente ecológico

Beni (2008) aponta que hoje, nos grandes conglomerados-industriais, aquela liberdade primeira que brota mais sentidamente nos períodos de lazer, de ócio, de

tempo livre, os homens procuram se deslocar para lugares em que possam gozar de espaços abertos, dilatados horizontes, belas paisagens, ambiente saudável e tranquilo, contemplação e meditação ou, ainda, dedicar-se a atividades de recreação, entretenimento e desportivas, em que o mais importante é o contato com a natureza.

Beni ressalta:

O subsistema ecológico abrange, em grande medida também o subsistema cultural. Tem como principal elemento a contemplação e o contato com a natureza. Nele são analisados os fatores: espaço turístico natural e urbano e seu planejamento territorial; atrativos turísticos e consequências do turismo sobre o meio ambiente, preservação da flora, fauna e paisagens compreendendo todas as funções, variáveis e regras de consistência de cada um desses fatores. (2008, p. 57).

Rose (2002), assim como Beni (2008), corrobora sua teoria de que o objetivo principal do turista ecológico é apreciar a beleza do ambiente; respirar ar puro e registrar em fotos e filmes os elementos da fauna e flora. De acordo com Barretto (2003), a definição da palavra ecologia é o estudo das relações entre os seres vivos e o meio onde vivem, bem como suas recíprocas influências.

Ruschmam (1997) também cita alguns dos impactos negativos do turismo ecológico, sendo eles: acúmulo de lixo, contaminação da água, ruídos que assustam os animais, caça e pesca ilegais, descaracterização da paisagem e alargamento de trilhas.

Beni cita alguns dos impactos ambientais:

Dentre as formas mais frequentes de impacto ambiental podem ser citadas: a contaminação das águas pelos despejos domésticos e industriais; a contaminação da atmosfera ou do ar por gases de combustão dos automóveis e usinas geradoras de energia, esgotos a céu aberto, queima de lixo, desinfetantes e fungicidas; a contaminação do solo por pesticidas, despejos sólidos, detergentes e pela indústria da construção, águas de irrigações contaminadas, desertificação, liberação de gases do subsolo na mineração e extração de petróleo e por derrames e vazamentos de petróleos, substâncias químicas e outros materiais transportados a granel, no mar; a grave alteração causada pelas usinas de energia nuclear e muitas outras mais como as guerras recentes. (2008, p. 61).

Outro componente do Sistur é o Conjunto da Organização Estrutural que será abordado no próximo item.

2.3.2 Conjunto da organização estrutural

Segundo Beni (2008), o Conjunto da Organização Estrutural é constituído por dois subsistemas: superestrutura e infraestrutura.

A superestrutura tem como principal elemento o ordenamento jurídico-administrativo de gestão e controle do Sistor, ficando à parte o domínio de normas, regras e leis.

Beni entende que

esse subsistema refere-se à complexa organização tanto pública quanto privada, que permite harmonizar a produção e a venda de diferentes serviços do Sistor. Compreende a política oficial de Turismo e sua ordenação jurídico-administrativa que se manifesta no conjunto de medidas de organização e de produção dos órgãos e instituições oficiais, e estratégias governamentais que interferem no setor. (2008, p. 101).

Já a infraestrutura tem como principal elemento o estudo das condições de acessibilidade à área da destinação turística.

Examinam-se aqui as principais classes da infraestrutura relacionadas com o Sistor, as questões relativas à natureza e ao custo de investimentos necessários e o momento adequado para realizá-los. A questão é complexa considerando-se que os custos e benefícios estão amplamente distribuídos. Não se pode atribuí-los a um setor ou a uma atividade determinada, mas há casos em que a infraestrutura de uma região com vocação para a ocupação turístico-recreativa pode, a longo prazo, servir para a exploração econômica e não-turística que pode ser gerada pelos efeitos multiplicadores do turismo. (BENI, 2008, p. 144).

Alguns dos fatores que fazem parte deste subsistema, segundo Beni (2008), são: saneamento básico, abastecimento de água, coleta e disposição de esgotos, energia elétrica, iluminação pública, limpeza pública, transporte coletivo, comunicações, abastecimento, conservação de logradouros públicos, poluição da água e do ar e equipamentos do turismo.

2.3.3 Conjunto das ações operacionais

O conjunto das ações operacionais é composto por: mercado, demanda, oferta, produção e distribuição. De fato, o mercado é o ator principal destes subsistemas, pois é nele que se formará uma estrutura para conseguir suprir a oferta e a demanda do mesmo. Conforme Beni (2008), a primeira ideia conceitual que se

tem, em relação ao mercado, está relacionada à troca de produtos ou valores (comércio). Analisando um pouco mais, pode-se ver que se estabelece uma relação entre a oferta e a demanda de bens, serviços e capitais. Portanto, todas as pessoas e empresas que oferecem ou demandam tais bens, serviços e capitais, determinam o surgimento organizado e as condições de troca.

Beni explica as três questões centrais do estudo de mercado, ou seja, o que produzir, como produzir e para quem produzir:

Para resolver a primeira, é preciso levar em consideração que toda a sociedade dispõe de um número limitado de recursos com os quais deve satisfazer um número praticamente ilimitado de necessidades. A decisão do que produzir significa não só os bens e serviços que devem ser produzidos, como também a quantidade de cada um deles, obedecendo sempre à restrição imposta pela própria natureza das trocas. Ou seja, a quantidade e qualidade dos bens e serviços para atender a todos os membros da sociedade, que estabelecem livremente seu consumo visando obter a máxima satisfação com os recursos financeiros de que dispõem, o que poderia ser chamado de “eficiência produtiva”. A terceira questão consiste em resolver quem consome os bens e serviços produzidos, com a condição de que cada consumidor tenha uma satisfação proporcional ao custo, o que poderia ser chamado de “eficiência distributiva”. (2008, p. 63-162).

Segundo esse autor (2008), os mercados constituem um sistema de informação que permite a milhares de agentes econômicos, produtores e consumidores, tomar as decisões necessárias, para que a sociedade toda possa alcançar as três eficiências – atributiva, produtiva e distributiva.

A informação transmitida, que é o mecanismo fundamental do sistema, são os preços. Os mercados resolvem as três questões centrais da organização econômica das trocas através dos preços. Assim, se o público consumidor demandar mais um bem do que a quantidade produzida, seu preço, ao elevar-se, faz saber aos produtores a necessidade de expandir a produção, atribuindo mais recursos a este bem e menos a outros, cujas demandas terão caído e por conseguinte também seus preços – o que demonstra a eficiência atributiva. A concorrência de preços entre as empresas conduz à eficiência produtiva, já que por um preço fixo, como impera em certos mercados, menores custos trazem maiores benefícios. Pode-se ainda aumentar a venda baixando-se o preço, como sucede em outros mercados. Custos menores significam aumentos no volume de negócios e maiores benefícios totais. Os preços, por isso, como reflexo dos custos, levam à eficiência distributiva. (BENI, 2008, p. 164).

Esse comportamento do mercado pode resultar em demanda e oferta. Beni (2008, p. 164) define demanda como a “[...] quantidade de um bem ou serviço que os consumidores desejam e podem comprar a um dado preço em um dado tempo”. Oferta é: “[...] a quantidade de um bem ou serviço que chega ao mercado por um

dado preço em um dado período de tempo”. Conforme Beni (2008), os aumentos e as diminuições da demanda, produzindo iguais movimentos nos preços, provocam as necessárias mudanças nas quantidades ofertadas. Além disso a qualidade ofertada para o mercado irá também influenciar a competitividade da destinação turística.

2.4 DESTINAÇÕES TURÍSTICAS

Buhalis (2000) define destino turístico como uma associação de produtos turísticos, que visualiza-se de forma melhor na aplicação do modelo teórico desenvolvido por Beni, pois abrange um estudo da totalidade dos fenômenos turísticos correlacionados com os demais. Cooper et al. (2001, p. 136) entendem que: “podemos pensar sobre uma destinação como sendo o foco de instalações e serviços projetados para atender às necessidades do turista”. Para a OMT (2001), uma destinação turística é um local geográfico, em que se deve dirigir a demanda.

Pires (2008, p. 41) também conceitua destinações turísticas como sendo “[...] arranjos locais estruturados com uma função econômica claramente definida, que se concentram em um determinado espaço e se modificam ao longo do tempo, criando e recriando recursos culturais para a prática e exploração do turismo neste espaço”.

Analisando profundamente o conceito do destino de turismo, encontra-se a definição de Petrocchi (2009, p. 2): “Destino de turismo é uma área que atrai visitantes, possui limites físicos e políticos e é percebida pelo mercado”. O mesmo autor afirma que um destino de turismo é composto por empresas e organizações voltadas à atividade comum do turismo. Já para Dias (2013, p. 75), “uma destinação turística pode ser considerada uma localidade, uma região ou um país que recebe visitantes que para lá se dirigem para passar um período relativamente curto”.

De acordo com Valls:

Os destinos configuram estruturas urbanísticas, sociais, culturais, etc. Em forma de rede, a fim de alcançar a melhor qualidade de vida dos consumidores internos, isto é, dos cidadãos do território; a fim de competir em escala internacional em todos os aspectos possíveis e atrair os melhores turistas capazes de desfrutar de toda a oferta estruturada, ou parte dela; a fim de obter um desenvolvimento econômico superior ao que se conseguiria mediante a combinação dos demais fatores de produção; e,

em geral, a fim de que as pessoas que ali vivem, e as que vêm visitar, obtenham a satisfação buscada. (2006, p. 17).

De acordo com Ferreira (2005), a destinação turística envolve variáveis como:

- fluxos turísticos;
- motivações dos turistas;
- impactos;
- planejamento;
- desenvolvimento sustentado do turismo.

Para auxiliar a administrar as variáveis supracitadas, é importante que o gestor saiba identificar em que fase do *ciclo de vida da destinação turística*, segundo o modelo de Butler (1980), encontra-se a mesma. Para melhor compreensão, a seguir será dissertado sobre o *ciclo de vida da destinação turística*, modelo proposto por Butler (1980).

2.5 CICLO DE VIDA DAS DESTINAÇÕES TURÍSTICAS

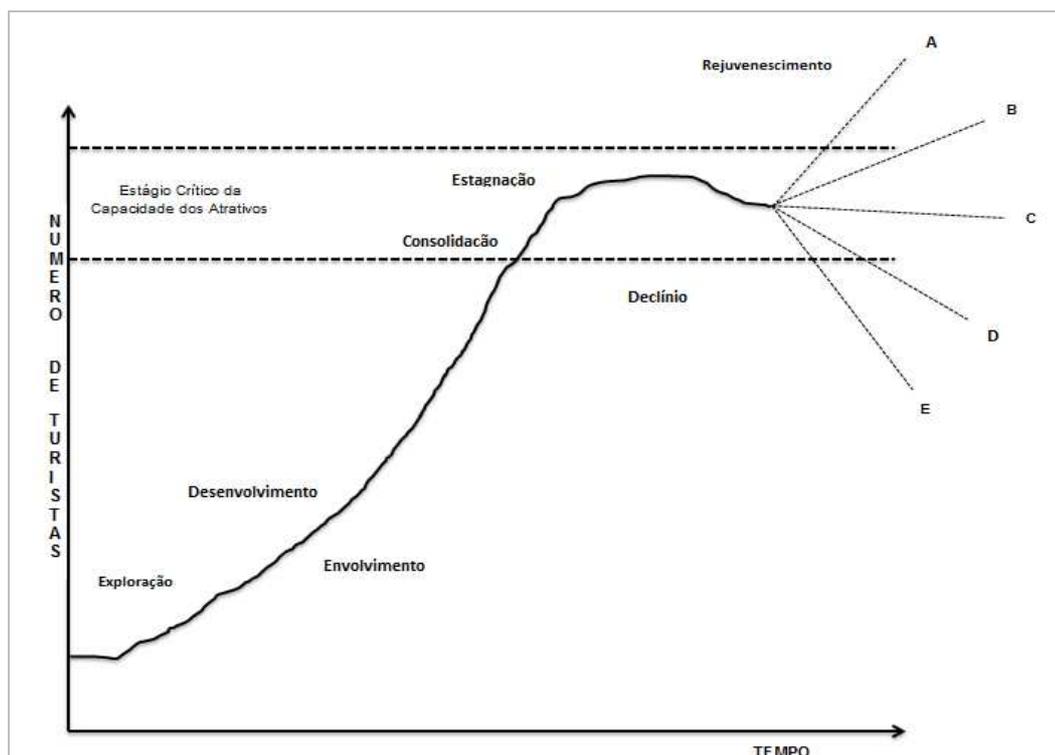
Para Russo (2002) a formulação mais popular de *ciclo de vida da destinação turística* foi proposta por Butler (1980). De acordo com Rose (2002), assim como os produtos as destinações turísticas também possuem seu ciclo de vida. Conforme o autor, a partir da identificação do ciclo de vida, pode-se estabelecer estratégias de mercado para prolongar ao máximo o interesse e o tempo de existência da destinação. Segundo Pulina, Dettori e Paba (2006), o ciclo de vida pode ser usado como: instrumento para desenvolver e avaliar as estratégias de marketing ou também como ferramenta de previsão. Para Claude e Zaccour (2009), tem sido empiricamente observado que o desenvolvimento do turismo segue um ciclo de vida. Segundo Hall e Page (2009), uma das contribuições mais conhecidas por um geógrafo para o turismo foi desenvolvida por Butler (1980), mais precisamente no chamado ciclo de vida do turismo.

A teoria do ciclo de vida das destinações turísticas, do modelo proposto por Butler surge em 1980 de uma adaptação advinda do ciclo de vida do produto utilizado no marketing. Também para Kozak e Martin (2012), o conceito do ciclo de vida da destinação turística proposto por Butler (1980) segue o conceito da teoria do

ciclo de vida do produto desenvolvido no marketing. Butler tinha como objetivo norteador em sua pesquisa, estudar o crescimento e o declínio dos equipamentos turísticos. Mais especificamente de acordo com Diedrich e Garcia-Buades (2009), o modelo *Tourism Areas Life Cycles*¹ (TALC) descreve o número de turistas impulsionado ao longo do tempo. Segundo Butler (1980), a teoria do *ciclo de vida da destinação turística* foi testada por outros pesquisadores e obteve sucesso total, hoje é uma das teorias do turismo mais conceituada e citada em trabalhos acadêmicos.

Embasado no comportamento do setor turístico, Butler (1980) desenvolveu o modelo de análise para o *ciclo de vida da destinação turística*, sendo compreendido pelas fases de: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação, declínio e rejuvenescimento, conforme Figura 3, cada qual com características específicas.

Figura 3 – Ciclo de vida da destinação turística



Fonte: Butler (1980, p. 7).

As fases do ciclo de vida do modelo proposto por Butler (1980) preconizam os seguintes aspectos:

¹ Ciclo de Vida da Área Turística.

A fase de exploração é caracterizada por um pequeno número de turistas/mochileiros que aceitam as condições locais. Os visitantes são atraídos para a localidade, em razão de suas características naturais e culturais únicas. Nessa fase, não há o aparecimento de nenhuma instalação voltada para o atendimento ao visitante. Em relação ao contato que é estabelecido entre mochileiros e residentes é bastante satisfatório, não ocorrendo perturbação na sociedade local.

A fase do envolvimento é ocasionada com aumento do número de visitantes, e alguns moradores locais começam a oferecer instalações a eles. É nessa fase que a população local percebe que o turismo pode ser benéfico, aproveitando as iniciativas locais para a construção de instalações e acomodações.

A fase de desenvolvimento é moldada pela publicidade pesada. No decorrer dessa fase, a participação e o controle local declinarão rapidamente. Alguns fornecedores de instalações locais terão desaparecido, sendo substituídos por organizações externas. As atrações culturais serão desenvolvidas e comercializadas tornando-se artificiais, assim como a mudança na aparência física da área que é perceptível. O número de turistas em períodos de pico provavelmente será igual ou maior ao da população local. Segundo McElroy e Hamma (2010), o desenvolvimento ou crescimento do estágio do ciclo de vida, muitas vezes, começa com a abertura de um aeroporto internacional.

A fase de consolidação é marcada por uma diminuição no número de visitantes, sendo que a economia da região é impulsionada pelo turismo. Inicia-se, então, um processo de desenvolvimento de esforços, para renovar e substituir os equipamentos turísticos.

Na fase da estagnação, surgem problemas de cunho ambiental, social e econômico. O local terá uma imagem bem-estabelecida, porém não será mais “da moda”. O número maciço de turistas chega em pacotes padronizados lotados e, dentre suas expectativas, está a de encontrar o conforto que dispunham em seu local de origem.

A fase do declínio será marcada por não conseguir mais competir com as novas atrações e então terá de enfrentar o mercado em declínio. O volume relacionado aos negócios de propriedades tende a ser elevado seguido por equipamentos turísticos muitas vezes substituídos por estruturas relacionadas a não turismo, esses poderão ser adquiridos pelos funcionários e por outros moradores a preços inferiores aos do mercado. A área pode tornar-se uma favela ou perder sua

função turística completamente. Segundo Maranhão et al. (2010), observam-se muitos destinos turísticos em declínio e, na maioria das vezes, a necessidade de intervenções só é notória quando os mesmos já se encontram em fases terminais do ciclo de vida do destino.

Para a fase do rejuvenescimento, uma abordagem alternativa para ela é aproveitar-se dos recursos naturais inexplorados. O desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e, simultaneamente, serve para revitalizar. Em muitos casos, são necessários esforços do governo e de particulares.

De acordo com Rose (2002), o modelo proposto por Butler é muito importante, pois, a partir da identificação do ciclo, podem-se estabelecer estratégias mercadológicas para prolongar ao máximo o ganho e o tempo de existência da destinação como localidade de interesse turístico. Brooker e Burgess (2008) entendem que uma melhor forma para explicar as crises das destinações seria a aplicação do *ciclo de vida da destinação turística* proposto por Butler (1980). Para Zhong et al. (2007), embora o modelo TALC proposto por Butler (1980) seja um conceito útil para descrever a evolução do desenvolvimento do turismo, não há ainda uma fórmula perfeita para ser aplicada em diferentes áreas. Segundo Lohmann e Panosso Netto (2008), o modelo de Butler apesar das críticas recebidas nas últimas décadas, é o que melhor reflete os estágios do ciclo de vida de um destino turístico. Zielinski e Saltaren (2011) relatam que a aplicação do modelo do *ciclo de vida da destinação turística* é uma ferramenta robusta e que requer uma grande quantidade de informações e recursos para a sua aplicação. Segundo Gândara et al. (2013), esse modelo é ainda hoje um dos mais utilizados nas análises do turismo, possuindo grande mérito por contribuir com o monitoramento e desenvolvimento dos destinos turísticos. Também para Catlin et al. (2011), o conceito de ciclo de vida do turismo proposto por Butler (1980) tornou-se o conceito mais escrito e citado em pesquisas.

Para Pérez (2012), o conceito de ciclo de vida de uma destinação turística é como nascer, viver, crescer, passar pelas dores e terminar no pôr do sol. Todo este processo pode ser comparado com o fenômeno da dialética, visto mais particularmente e aplicado a uma área geográfica específica, ao invés de um corpo de pensamento. É a própria vida. Vida, que é a tese. Morte, que é a antítese. O espaço no declínio, ou rejuvenescimento, é síntese. Já para I Baidal, Sánchez e

Rebollo (2013), a chave para a sobrevivência reside na capacidade de se adaptar às diversas circunstâncias.

2.5.1 Estudos desenvolvidos sobre ciclo de vida da destinação turística modelo proposto por Butler (1980)

Com o propósito de identificar o que foi e o que está sendo pesquisado sobre *ciclo de vida da destinação turística*, realizou-se uma pesquisa nas seguintes bases de dados: Capes (nos programas *stricto sensu*),² Portal de Periódicos da Capes,³ Sage,⁴ Emerald Insight⁵ e Science Direct.⁶ No ano de 2013, na disciplina Ciclo de vida do turismo, com o propósito de elaborar um artigo científico, foi realizada uma pesquisa no *site* da Capes, nos programas *stricto sensu*, para quantificar o que foi escrito sobre o tema *ciclo de vida*. A pesquisa ocorreu da seguinte forma: adentrou-se no *link* da área de pesquisa teses e dissertações da Capes e após foi selecionada a área do turismo “nível mestrado” e empregada a expressão-chave *ciclo de vida*. Foi também investigado o nível pertencente ao doutorado, porém nesse nada foi encontrado. Apenas foram encontradas duas dissertações com o tema em análise, identificando uma carência de estudos na área pesquisada. Uma pertencente à Rosa (2008) e a outra escrita por Pires (2008), ambas apresentadas no ano de 2008.

Adentrou-se na base de dados da Capes e foram colocadas as seguintes palavras-chave na aba “buscar assunto”: *life cycle*, *tourist destination*, Butler e *model*,⁷ resultando em 397 periódicos encontrados. Visando filtrar e focar a pesquisa, selecionou-se a “data de publicação” em: 2000 até junho de 2014, foi

² A terminologia *stricto sensu* diz respeito aos programas de mestrado e doutorado. (MEC, 2014).

³ Oferece acesso aos textos completos de artigos selecionados de mais de 15.475 revistas internacionais, nacionais e estrangeiras, e 126 bases de dados com resumos de documentos em todas as áreas do conhecimento. Inclui também uma seleção de importantes fontes de informação acadêmica, com acesso gratuito na internet. (UCS, 2014).

⁴ *Sage Publications* é uma das mais importantes editoras científicas do mundo. Possui mais de 400 títulos em Negócios, Ciências Humanas, Ciências Sociais, Tecnologia e Medicina. Têm em sua maioria títulos *Peer-Reviewed*, o que significa que são títulos de grande importância científica (UCS, 2014).

⁵ Coleção de publicações periódicas com concentração nas áreas de Administração, Contabilidade, Ciência da Informação, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica e Engenharia de Produção. (UCS, 2014).

⁶ Estão disponíveis mais de 2.600 publicações periódicas e livros da Elsevier e de outras editoras científicas, cobrindo as áreas de Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Letras e Artes. (UCS, 2014).

⁷ Ciclo de vida, destinação turística, Butler e modelo.

também selecionado o “tipo de recurso”: artigos, resultando em um dado quantitativo de 208 periódicos. Visando refinar mais ainda esta busca, foi utilizado o recurso “refinar meus resultados” e selecionaram-se as seguintes palavras e/ou expressões: *tourism, tourismus, tourism development e life cycle*,⁸ resultando em um quantitativo de 40 periódicos; de um dos artigos não se conseguiu fazer *download*,⁹ resultando em 39 artigos. Destes 39 periódicos encontrados, foram selecionadas as seguintes palavras-chave e expressões, somente no resumo dos artigos encontrados: *life cycle, tourist destination, Butler e model*.¹⁰ Resultou um quantitativo de quatro artigos, nos quais somente pareceu a seguinte expressão: *life cycle*.¹¹

No que diz respeito à pesquisa bibliométrica, realizada na base de dados da *Science Direct* foram inseridas as seguintes palavras e expressão no *Search all fields*¹²: *life cycle, tourist destination, Butler e model*,¹³ resultando em 623 periódicos encontrados. Visando filtrar e focar mais a pesquisa, selecionou-se a *Year*¹⁴ em: 2000 até junho de 2014, foi também selecionado o *Topic*¹⁵: *tourism, tourism development, life cycle e Butler*¹⁶ e o *Content type*¹⁷: jornal, resultando em um quantitativo de 54 periódicos. Dos 54 periódicos encontrados, foram selecionadas as seguintes palavras-chaves e expressão para a pesquisa, somente no resumo dos artigos encontrados: *life cycle, tourist destination, Butler e model*.¹⁸ Resultou um quantitativo de quatro artigos, nos quais somente apareceu a seguinte expressão: *life cycle*.¹⁹

Na Base de dados da SAGE utilizaram-se os seguintes passos: selecionou-se o campo *Search all journals*²⁰ e posteriormente inseriram-se as seguintes palavras-chaves e expressão: *life cycle, tourist destination, Butler e model*,²¹ resultando em 206 artigos. Foi utilizado para esta pesquisa o artigo que continha o

⁸ Turismo, turismo, turismo e desenvolvimento e ciclo de vida.

⁹ Baixar.

¹⁰ Ciclo de vida, destinação turística, *Butler* e modelo.

¹¹ Ciclo de vida.

¹² Pesquisar todos os campos.

¹³ Ciclo de vida, destinação turística, *Butler* e modelo.

¹⁴ Ano.

¹⁵ Tópico.

¹⁶ Turismo, desenvolvimento do turismo, ciclo de vida, *Butler*.

¹⁷ Tipo de conteúdo.

¹⁸ Ciclo de vida, destinação turística, *Butler* e modelo.

¹⁹ Ciclo de vida.

²⁰ Pesquisar em todos os jornais.

²¹ Ciclo de vida, destinação turística, *Butler* e modelo.

seguinte dizer: *Article Available*,²² resultando em 143 artigos. Dos 143 periódicos encontrados, foram selecionadas as seguintes palavras-chave e expressão para a pesquisa somente no resumo dos artigos: *life cycle*, *tourist destination*, *Butler* e *model*.²³ Resultou um quantitativo de três artigos; em dois dos artigos foi encontrada a expressão: *life cycle*²⁴ e no outro artigo apareceram a expressão e a palavra-chave: *tourist destination* e *model*.²⁵

Adentrou-se na base de dados da Emerald Insight e inseriram-se as seguintes palavras-chaves ou expressão, no *Search*.²⁶ *life cycle*, *tourist destination*, *Butler*, *model*.²⁷ Foi também selecionada a opção *Journals*.²⁸ Esta pesquisa resultou em 123 artigos. Destes, um não foi possível acessar, restando para a pesquisa um quantitativo de 122 periódicos encontrados, foram selecionadas as seguintes palavras-chave ou expressão para a pesquisa, somente no resumo dos artigos encontrados: *life cycle*, *tourist destination*, *Butler* e *model*.²⁹ Resultou um quantitativo de quatro artigos, nos quais somente apareceu a seguinte expressão: *tourist destination*.³⁰

Conforme a Figura 4, das expressões utilizadas para a pesquisa, no resumo dos artigos científicos a que mais se sobressaiu foi *life cycle*,³¹ aparecendo em 10 artigos dos 15 selecionados. A segunda que mais apareceu nesta pesquisa foi *tourist destination*,³² aparecendo em quatro artigos científicos, com a incidência de *tourist destination*³³ e *model*³⁴ em um artigo científico.

²² Artigo disponível.

²³ Ciclo de vida, destinação turística, *Butler* e modelo.

²⁴ Ciclo de vida.

²⁵ Destinação turística e modelo.

²⁶ Pesquisar.

²⁷ Ciclo de vida, destinação turística, *Butler* e modelo.

²⁸ Revistas.

²⁹ Ciclo de vida, destinação turística, *Butler* e modelo.

³⁰ Destinação turística.

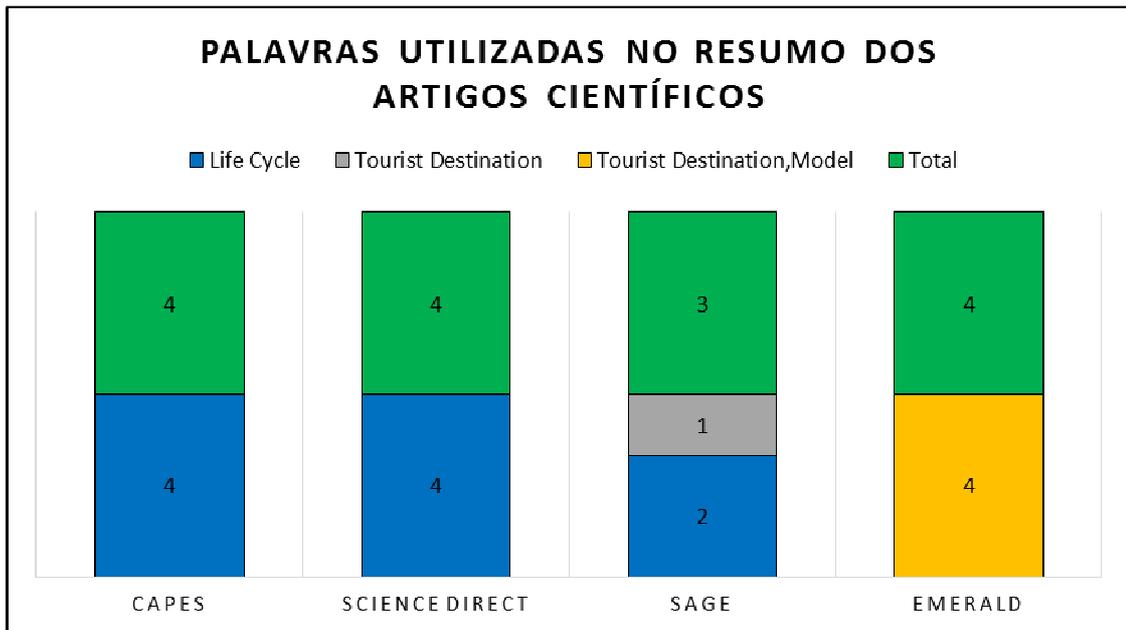
³¹ Ciclo de vida.

³² Destinação turística.

³³ Destinação turística.

³⁴ Modelo.

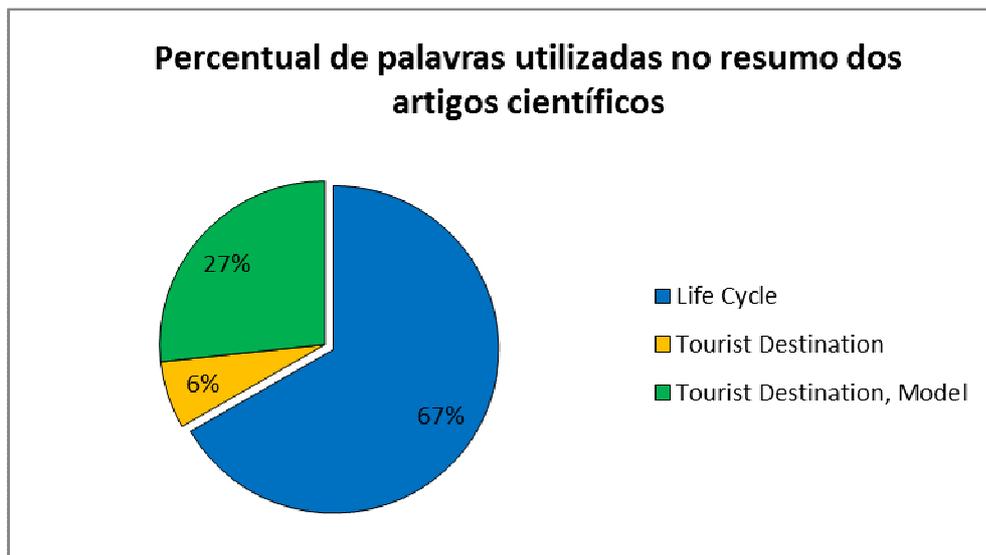
Figura 4 – Palavras com maior incidência na pesquisa em artigos científicos



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a Figura 5, dos 15 artigos científicos selecionados na pesquisa, 67% destes têm a expressão *life cycle* empregada no resumo,³⁵ 27% contêm a palavra *tourist* e 6% dos artigos contêm *tourist destination*³⁶ e *model*.³⁷

Figura 5 – Percentual de palavras utilizadas no resumo em artigos científicos



Fonte: Dados da pesquisa.

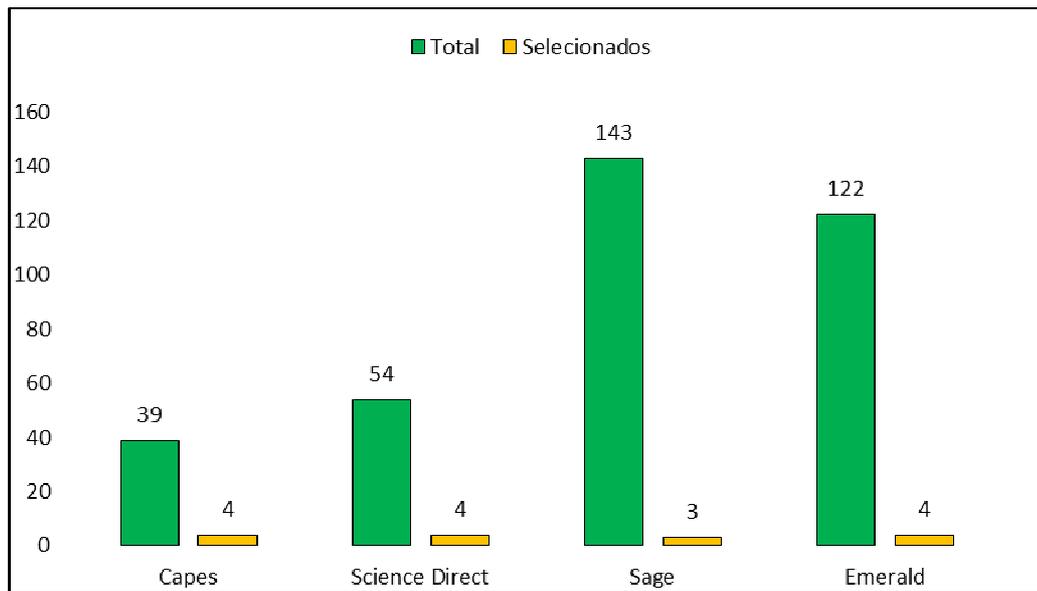
³⁵ Ciclo de vida.

³⁶ Destinação turística.

³⁷ Modelo.

Na Figura 6, pode-se ver nitidamente que a base de dados da Sage é responsável pela maior quantidade de periódicos; porém a mesma também torna-se a menor em termos numéricos dos mesmos selecionados. Ao contrário da base de dados da Sage, a da Capes representa apenas um total de 39 artigos científicos. Pode-se dizer que é a menor neste quesito, porém destes conseguiu-se selecionar quatro artigos, um número bem significativo se comparado aos demais.

Figura 6 – Resumo da pesquisa bibliométrica



Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 1 retrata o resumo da pesquisa, onde constata-se que dos 358 artigos científicos analisados, consegue-se atingir um percentual de 4,19 de aproveitamento, isto é, dos 358 artigos científicos baixados, foram utilizados para esta pesquisa apenas 15.

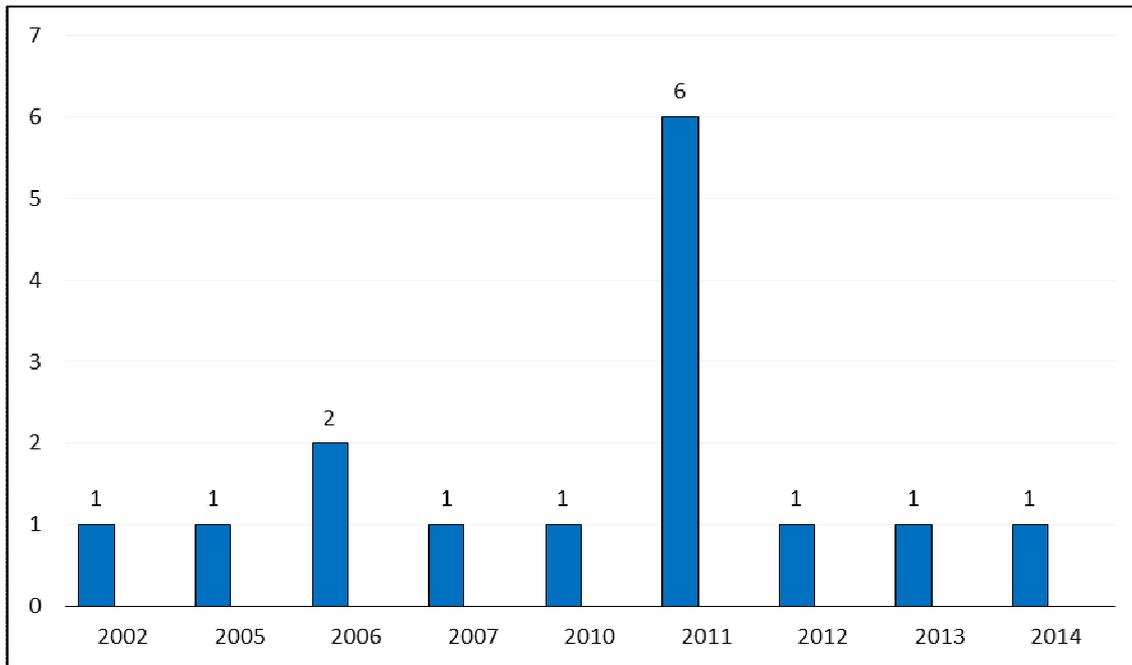
Tabela 1 – Resumo da pesquisa bibliométrica

	Capes	Science Direct	Sage	Emerald	Total geral
Total	39	54	143	122	358
Selecionados	4	4	3	4	15
Aproveitamento	10,26%	7,41%	2,10%	3,28%	4,19%

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a Figura 7, do período de 2002 até 2014, utilizado para a pesquisa, pode-se constatar que a maioria das publicações ocorreu em 2011, ano em que há seis obras escolhidas. No ano de 2006, há dois artigos, ficando o restante do período com apenas um artigo.

Figura 7 – Publicações por ano

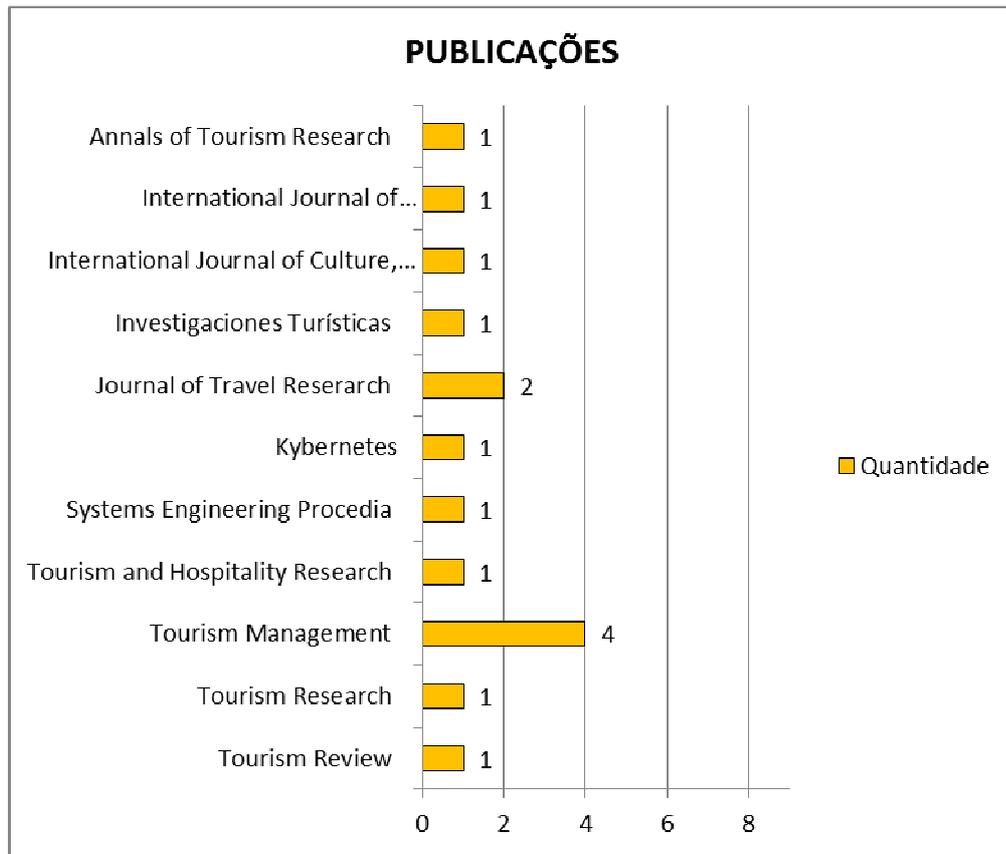


Fonte: Dados da pesquisa.

Ao somar as obras dos anos de 2011 a 2014, se obtém um total de nove artigos publicados, 60% do total dos 15 selecionados. É possível notar a atualidade das publicações que norteiam o tema em análise.

A Figura 8 ilustra a quantidade de publicações por revista científica, a mesma referencia as 15 obras selecionadas nesta pesquisa. Percebe-se que há uma predominância significativa, em termos quantitativos, na *Tourism Management*: dos quatro artigos, um está repetido na revista científica mencionada acima.

Figura 8 – Publicações



Fonte: Dados da pesquisa

A presente dissertação tem como objetivo geral desenvolver e validar um instrumento que possa identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística. Pelos resultados da pesquisa bibliométrica realizada, identifica-se o ineditismo da pesquisa proposta nesta dissertação. Verifica-se, nos artigos selecionados e nas dissertações, conforme Quadro 1, que, como a presente pesquisa, estes visam de alguma forma contribuir com a destinação turística. Porém, não foi localizado, nas 15 obras encontradas e nas dissertações, o desenvolvimento de instrumento que possibilite a identificação da fase do ciclo de vida de determinada destinação, isto é, que possa ser aplicado em qualquer destinação turística.

Quadro 1 – Objetivos dos artigos e das dissertações analisadas

Base de dados	Autores	Data da publicação	Objetivo
Capes programas <i>stricto sensu</i>	ROSA	2008	Testar o modelo teórico desenvolvido por Butler (1980), com a finalidade de utilizá-lo como ferramenta para o planejamento estratégico.
Capes programas <i>stricto sensu</i>	PIRES	2008	Caracterizar e discutir o modelo de desenvolvimento turístico experimentado na vila de Monte Verde em MG, identificando o papel e a forma de atuação da iniciativa privada neste processo.
Capes	RUSSO	2002	Analisar os impactos do processo de sustentabilidade do turismo.
Capes	PULINA, DETTORI, PABA	2006	Analisar o impacto que a legislação tem tido sobre o ciclo de vida, em nível de cada uma das quatro províncias, na ilha da Sardenha (Itália).
Capes	I BAIDAL, SÁNCHEZ, REBOLLO	2013	Avaliar as teorias do ciclo de vida e a reestruturação dos destinos turísticos, à luz da recente evolução de Benidorm.
Capes	GUEVARA	2011	Identificar e analisar a situação atual, bem como os diferentes estágios de desenvolvimento de um destino de turismo planejado, localizado na região costeira do Sul do México: baías de Huatulco.
Emerald	BAGGIO, SAINAGHI	2011	Avaliar a dinâmica dos sistemas não lineares complexos do turismo.
Emerald	PECHLANER, LANGE, RAICH	2011	Analisar as inter-relações entre a população local e do turismo.
Emerald	ALEGRE, CLADERA	2012	Analisar a oferta turística e as características relacionadas com viagem e motivações do turista, em relação à decisão de compra.
Emerald	BAGGIO	2014	Visa explorar uma nova proposta: o algoritmo de gráfico de visibilidade (VGA), que é capaz de fornecer o nível necessário de informações de forma rápida e simples.
Sage	PEARCE, LEE	2005	Desenvolver potencialidades no que diz respeito a motivações de viagem e lazer.
Sage	MCELROY, PARRY	2010	Analisar empiricamente e determinar as características de pequenas ilhas turísticas.

Sage	DÍAZ, RODRÍGUEZ	2008	Propor um modelo de avaliação estratégica; avaliar os recursos internos e relacionais nos atributos de um destino de turismo.
Sciency Direct	GARAY, CÀNOVES	2011	Analisar o desenvolvimento histórico do turismo em Catalunha (um dos principais destinos turísticos da Europa), através do ciclo de vida do turismo.
Sciency Direct	PULINA, DETTORI, PABA	2006	Analisar o impacto que a legislação tem tido sobre o ciclo de vida, em nível de cada uma das quatro províncias na ilha da Sardenha (Itália).
Sciency Direct	COLE	2012	Ilustrar e comparar soluções para o modelo turístico do ciclo de vida.
Sciency Direct	MENG, WEI, YU	2011	Foi realizado um estudo empírico sobre o ciclo de vida do turismo, no que tange ao patrimônio cultural, tendo como área de estudo Macau na China.

Fonte: Dados da pesquisa.

O Quadro 1 apresentou, de forma resumida, os objetivos das dissertações e dos artigos localizados, através de pesquisa bibliométrica, e demonstra o ineditismo do objetivo desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

3.1 MÉTODO DE PESQUISA

Conforme já relatado, o objetivo do presente trabalho é desenvolver e validar um instrumento que possa identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística. Do ponto de vista de seu objetivo, a pesquisa classifica-se como exploratória e descritiva.

De acordo com Andrade:

São finalidades da pesquisa exploratória, proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema da pesquisa, orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Por meio da pesquisa exploratória, avalia-se a possibilidade de desenvolver um bom trabalho, estabelecendo-se os critérios a serem adotados, os métodos e as técnicas adequadas. (2002, p. 19).

Para Wetzel e Tomei (2002), a pesquisa exploratória é realizada com o objetivo de melhor compreender um assunto sobre o qual há pouco conhecimento. Segundo Appolinário (2011), na pesquisa descritiva o pesquisador limita-se a descrever o fenômeno observado, sem inferir nas relações de causalidade das variáveis estudadas. De acordo com Gil (2010), o objetivo da pesquisa descritiva é apresentar as características de determinadas situações.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foi realizada pesquisa bibliográfica, de levantamento e estudo de caso. Para Ruiz (1996, p. 58), pesquisa bibliográfica é “[...] o conjunto das produções escritas para esclarecer as fontes, para divulgá-las, para analisá-las, para refutá-las ou para estabelecê-las; é toda a literatura originária de determinada fonte ou a respeito de determinado assunto”. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa por levantamento ocorre quando envolve a interrogação direta das pessoas, cujo comportamento deseja-se conhecer através de um questionário.

De acordo com Cervo e Bervian (2002, p. 67), estudo de caso “é a pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja

representativo do seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida”. Segundo Yin (2005), utiliza-se estudo de caso quando pretende-se investigar o como e o porquê de um conjunto de eventos.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema de pesquisa, classifica-se como quali-quantitativa. De acordo com Leite (2004, p. 82), “a pesquisa qualitativa possui o poder de analisar os fenômenos com consideração de contexto”. No que diz respeito ao método quantitativo, segundo Bonat (2009), a mesma visa mensurar, medir e contar e possui um alto teor descritivo. Caracterizando o método de pesquisa como quali-quantitativa, de acordo com Cresswell (2007), ao adotar um método misto, o pesquisador pode quantificar dados qualitativos ou vice-versa. Segundo Flick (2009), os que aderem a metodologias mistas estão interessados em combinar pragmaticamente as pesquisas qualitativas e quantitativas, procurando por fim as “guerras” de paradigma entre as duas abordagens. Para Malhotra (2001), o método quali-quantitativo deve ser encarado como complementar, em vez de concorrente.

3.2 MÉTODO E PROCEDIMENTO PARA A CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO (QUESTIONÁRIO)

Para Mattar (2008), o instrumento de coleta de dados é um documento através do qual as questões são apresentadas ao respondente e é neste que são registradas as respostas e os dados.

De acordo com Lakatos e Marconi:

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisador devolve-o do mesmo modo. (2009, p. 203).

Conforme levantado por Shaughnessy et al. (2012), o principal instrumento de pesquisa, utilizado na elaboração de levantamentos, é o questionário. Para Souza et al. (2013), um questionário é um instrumento de investigação que propõe reunir informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um conjunto representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de perguntas que envolvem um tema de interesse para os investigadores, não havendo comunicação direta entre estes e os investigados.

Segundo Prodanov e Freitas:

O questionário é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente). O questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. Se sua confecção for feita pelo pesquisador, seu preenchimento será realizado pelo informante respondente. (2013, p. 108).

Almeja-se a elaboração de um instrumento de pesquisa para a aplicação em outras destinações turísticas e espera-se que, a partir da validação e aplicação do questionário, consiga-se visualizar em que fase do ciclo de vida, do modelo de Butler (1980), está inserido o Roteiro Turístico Caminhos de Pedra. É também com a ajuda do método descritivo, que será possível analisar com previsão o que foi evidenciado na pesquisa. Pois, de acordo com Gaya et al. (2008, p. 152), “a finalidade principal do método descritivo é proporcionar um perfil capaz de caracterizar precisamente as variáveis envolvidas em um determinado fenômeno”.

Com o auxílio da pesquisa bibliográfica, condizente com o ciclo de vida do modelo teórico proposto por Butler (1980), foi construído o instrumento de pesquisa (Quadro 2). Para a validação, o mesmo foi aplicado em uma destinação turística.

Quadro 2 – Instrumento para a coleta de dados que possibilite identificar o ciclo de vida de uma destinação turística

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase de exploração é caracterizada por um pequeno número de turistas/ mochileiros, que aceitam as condições locais. Os visitantes são atraídos para a localidade em razão de suas características naturais e culturais únicas. Nessa fase, não há o aparecimento de nenhuma instalação voltada para o atendimento ao visitante. Em relação ao contato que é estabelecido entre mochileiros e residentes, é bastante satisfatório, não ocorrendo perturbação na sociedade local.</p>	<p>1. Em relação ao contato que é estabelecido entre o turista e os residentes, o visitante de alguma forma perturba a sociedade pertencente ao roteiro turístico?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. Existe formalmente a gestão/associação da destinação turística?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. Existem instalações voltadas ao atendimento do turista?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. É a primeira vez que você visita o roteiro turístico?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. Qual foi o motivo que o trouxe até o Roteiro Turístico?</p> <p>() Paisagem e natureza () Infraestrutura () Gastronomia () Hospedagem () Marketing Outros _____</p> <p>3. Que meios você utilizou para chegar até o Roteiro Turístico?</p> <p>() Carro / Moto ou bicicleta próprio () Avião / Van agência de turismo () Carro / moto ou bicicleta locado () Ônibus de excursão () Van</p>	<p>1. Os turistas aceitam as condições locais da comunidade?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. Em relação ao contato que é estabelecido entre o turista e os residentes, o visitante de alguma forma perturba a sociedade local?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. Existe o envolvimento do poder público na destinação turística?</p> <p>() Sim () Não</p>

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase do envolvimento é ocasionada com o aumento do número de visitantes, e alguns moradores locais começam a oferecer instalações a eles. É nessa fase que a população local percebe que o turismo pode ser benéfico, aproveitando as iniciativas locais para a construção de instalações e acomodações.</p>	<p>1. Os atrativos turísticos percebem o turismo como algo benéfico?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. A população local percebe o turismo como algo benéfico?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. Quanto às instalações e acomodações que fazem parte do roteiro, como você as classifica?</p> <p>() Ótimas () Boas () Regulares () Ruins () Péssimas</p> <p>2. Você gostaria de sugerir a ampliação de instalações em alguma(s) das áreas específicas?</p> <p>() Alimentação () Hospedagem () Lazer () Comércio</p>	<p>1. Você acredita que o turismo possa ser benéfico para a comunidade?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. É disponibilizado para o turista/visitante a casa onde resides?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. O Poder Público percebe o turismo como algo benéfico?</p> <p>() Sim () Não</p>

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase de desenvolvimento é moldada pela publicidade pesada. No decorrer dessa fase, a participação e o controle local declinarão rapidamente. Alguns fornecedores de instalações locais terão desaparecido, sendo substituídos, assim, por organizações externas. As atrações culturais serão desenvolvidas e comercializadas, tornando-se artificiais, assim como a mudança na aparência física da área que é perceptível. O número de turistas em períodos de pico provavelmente será igual ou maior daquele da população local.</p>	<p>1. Quais são os períodos de pico em relação ao turismo?</p> <p>() Férias de janeiro e fevereiro () Férias de julho () Festas de final de ano () Inverno () Outro? _____</p> <p>2. No período de pico, o número de visitantes supera a população?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>3. Os fornecedores são da localidade?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. Há investimentos em publicidade?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. Se sim, qual é o percentual investido em publicidade, se comparado o faturamento anual da destinação?</p>	<p>1. Em relação às atrações culturais pertencentes ao roteiro, como você as identifica?</p> <p>() Naturais () Construídas/modificadas</p> <p>2. Como você ficou sabendo do roteiro turístico?</p> <p>() TV () Rádio () Revista () Redes Sociais () Folders () Indicações. () Outro? _____</p>	<p>1. Você consegue notar mudanças na aparência física da região após ter se tornado uma destinação turística?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. É investido em publicidade?</p> <p>() Sim () Não</p>

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase de consolidação é marcada por uma diminuição no número de visitantes, sendo que a economia da região é impulsionada pelo turismo. Inicia-se, então, um processo de desenvolvimento de esforços para renovar e substituir os equipamentos turísticos.</p>	<p>1. Existe uma diminuição no número de visitantes?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. Está sendo desenvolvido algum tipo de esforço ou atividade/planejamento para renovar ou substituir as atrações turísticas?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. A economia da região é impulsionada pelo turismo?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. Está sendo desenvolvido algum tipo de esforço ou atividade/planejamento para renovar ou substituir as atrações turísticas?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. Você adquiriu os produtos comercializados no roteiro?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. Quanto você gastou ou pretende gastar no roteiro turístico?</p> <p>() Zero reais () Até R\$ 100,00 () De R\$ 100,00 a R\$ 200,00 () De R\$ 200,00 a R\$ 300,00 () De R\$ 300,00 a R\$ 400,00 () Mais de R\$ 400,00</p>	<p>1. A renda familiar advém do turismo?</p> <p>() Sim. () Não</p>	<p>1. Está sendo desenvolvido algum tipo de esforço ou atividade/planejamento para renovar ou substituir as atrações turísticas?</p> <p>() Sim () Não</p>

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>Na fase da estagnação surgem problemas de cunho ambiental, social e econômico. O local terá uma imagem bem-estabelecida, porém não será mais “da moda”. O número maciço de turistas chega em pacotes padronizados lotados, e, dentre suas expectativas está o fato de encontrar o conforto do qual dispunham em seu local de origem.</p>	<p>1. Você consegue perceber o surgimento de algum tipo de problema de cunho ambiental, social ou econômico? Se sim, Qual? _____</p>	<p>1. Você consegue perceber o surgimento de algum tipo de problema de cunho ambiental, social ou econômico? () Sim () Não Se sim, Qual? _____</p>	<p>1. Percebe-se nos atrativos cuidados com práticas ambientais? () Sim () Não</p> <p>2. Você está hospedado no Roteiro Turístico? () Sim () Não Se não, Onde? _____</p> <p>3. Você reside em município próximo ao roteiro turístico? () Sim () Não</p> <p>4. Foi adquirido pacote padronizado em uma agência de turismo para a visitaçao do roteiro? () Sim () Não</p>	<p>1. Como você percebe a imagem do roteiro turístico? () Consolidada () Em desenvolvimento () Em declínio</p>	<p>1. Você consegue perceber o surgimento de algum tipo de problema de cunho ambiental, social ou econômico? () Sim () Não Se sim, Qual? _____</p>

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase do declínio será marcada por não conseguir mais competir com as novas atrações e então terá de enfrentar o mercado em declínio. O volume, relacionado aos negócios de propriedades, tende a ser elevado seguido por equipamentos turísticos muitas vezes substituídos por estruturas relacionadas a não turismo; estes poderão ser adquiridos por funcionários e por outros moradores a preços inferiores ao mercado. A área pode tornar-se uma favela ou perder sua função turística completamente.</p>	<p>1. Está ocorrendo a venda de propriedades relacionadas ao turismo, para substituição por estruturas relacionadas a não turismo?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. Se sim, o valor é inferior ao praticado no mercado?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>3. Existe algum indicativo de que o roteiro turístico esteja em declínio?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. O roteiro turístico consegue competir com as novas atrações turísticas?</p> <p>() Sim. () Não</p> <p>2. É possível notar uma substituição das estruturas turísticas para não turísticas?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. Você voltaria ao roteiro turístico?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. As propriedades estão sendo comercializadas com “especulação imobiliária”?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. É possível notar uma substituição das estruturas turísticas para não turísticas?</p> <p>() Sim () Não</p>

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>Para a fase do rejuvenescimento, uma abordagem alternativa para ela é aproveitar-se dos recursos naturais inexplorados. O desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e simultaneamente serve para revitalizar. Em muitos casos são necessários esforços do governo e de particulares.</p>	<p>1. Está ocorrendo o desenvolvimento de novas instalações como forma de revitalização?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>2. O desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e simultaneamente serve para revitalizar?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. De alguma forma estão sendo aproveitados recursos naturais inexplorados?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>1. No roteiro turístico é possível identificar recursos naturais inexplorados?</p> <p>() Sim () Não.</p>	<p>1. Depois de constituído o roteiro, houve a instalação de novos atrativos?</p> <p>() Não () Sim</p>	<p>1. Quais são os incentivos financeiros e econômicos para o desenvolvimento do roteiro turístico?</p> <p>2. O desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e simultaneamente serve para revitalizar?</p> <p>() Sim () Não</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Foi validado o instrumento da presente pesquisa, com três pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul, no mês de setembro de 2014. Os participantes fizeram as seguintes colocações: quanto ao processo de análise dos dados, em relação ao linguajar utilizado com os entrevistados e também foram feitas observações quanto à escala de valores das respostas. Foram realizadas as adequações, conforme o solicitado pelos pesquisadores, e iniciou-se o processo de aplicação dos mesmos na destinação turística *Caminhos de Pedra*. Com o intuito de quantificar as entrevistas, foi definido o nível de confiança em 90% e margem de erro de 6%. Segundo Dantas (2005), a margem de erro representa o erro máximo admissível em alguma pesquisa, de forma a garantir determinado grau de confiança. Quanto menor a margem de erro, maior a precisão da pesquisa e, por consequência, sua qualidade. O mesmo autor diz que o nível de confiança é a probabilidade de que a margem de erro não ultrapasse o valor estipulado *a priori*. Quanto menor a amostra, menor será o grau de confiança.

No que diz respeito a margem de erro, foi utilizada a seguinte fórmula:

$$E = Z^{\alpha/2} \times \frac{\sigma}{\sqrt{n}}$$

Onde:

E - Margem de erro

$Z^{\alpha/2}$ – Valor crítico que corresponde ao grau de confiança desejado

σ – Desvio padrão populacional

n – número de indivíduos da amostra

No que diz respeito ao nível de confiança, foi utilizada a seguinte fórmula:

$$\left(\bar{x} - Z^{\alpha/2} \times \frac{\sigma}{\sqrt{n}}, \bar{x} + Z^{\alpha/2} \times \frac{\sigma}{\sqrt{n}} \right)$$

Onde:

\bar{x} – média amostral

$Z^{\alpha/2}$ – Valor crítico que corresponde ao grau de confiança desejado

σ – Desvio padrão populacional

n – número de indivíduos da amostra

Visando desvendar o quantitativo de entrevistas necessárias para o estudo, utilizou-se a seguinte fórmula:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Onde:

n – amostra calculada

N – população

Z – variável normal padronizada associada ao nível de confiança

P – verdadeira probabilidade do evento

e – erro amostral

O quadro 2 apresenta o número de entrevistas necessários para cada uma das partes envolvidas na destinação.

Quadro 3 – Quantitativo de entrevistas

Partes envolvidas na destinação	Quantidade total da população na destinação turística <i>Caminhos de Pedra</i>	Quantidade amostral com 6% de margem de erro e nível de confiança de 90%	Quantidade coletada
Atrativos turísticos	23	21	21
Associação Caminhos de Pedra	01	01	01
Turistas	60.000 anual	188	188
Residentes	500 famílias	137 famílias	137
Poder Público	01 Secretaria de Turismo de Bento Gonçalves	01	01
TOTAL DE ENTREVISTAS	60.525	348	348

Fonte: Elaborado pela autora.

De um total de 60.525 questionários/instrumentos, conforme o proposto pelo quadro 2, foi coletado um quantitativo de 348 destes, com 6% de margem de erro e 90% de nível de confiança. Os mesmos foram respondidos pelas seguintes partes envolvidas na destinação turística: atrativos turísticos, Associação Caminhos de Pedra, turistas, residentes e Poder Público.

4 ANÁLISE DE DADOS

Foi com o auxílio da bibliografia trabalhada na presente pesquisa, que desenvolveu-se o instrumento proposto. O mesmo foi aplicado a: turistas, residentes, atrativos; à Associação e ao Poder Público, totalizando 348 entrevistas. Destas, 188 foram com turistas, 137 com residentes, 21 com atrativos, uma com a Associação e uma com o Poder Público. Em relação à forma de coleta de dados realizada com os turistas, foram deixados questionários em alguns atrativos pertencentes ao roteiro turístico *Caminhos de Pedra*; também em sábados ao meio-dia foram distribuídos para visitantes, em um restaurante da destinação, enquanto aguardavam na fila. Para os residentes, foram deixados alguns questionários em: escolas pertencentes ao roteiro turístico, agências de correios e em algumas famílias da localidade, que entrevistaram outros residentes próximos.

No que tange à parte dos atrativos pertencentes ao roteiro turístico, primeiramente foi deixado o questionário e, uma semana depois, coletado o mesmo. Em relação às entrevistas realizadas com a Associação e o Poder Público, seguiu-se o mesmo padrão realizado com os atrativos, pois, para Souza et al. (2013), um questionário é um instrumento de investigação que propõe reunir informações baseando-se, geralmente, na inquirição a um conjunto representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se perguntas que envolvem um tema de interesse para os investigadores, não havendo comunicação direta entre estes e os investigados.

Para a presente pesquisa foi utilizada uma margem de erro de 6% e nível de confiança de 90%. A coleta de dados iniciou em 30/9/2014 e encerrou em 28/11/2014. Utilizou-se o *software* SPSS para organizar os dados da pesquisa, pois, de acordo com Marôco (2011), o *software* SPSS *Statistics* é o mais utilizado para análise de dados nas seguintes áreas: ciências sociais e humanas, biomedicina, ciências empresariais e de engenharia. Segundo Chinapah (2000), o SPSS fornece as ferramentas necessárias, como acesso a todos os dados, meios de processamento, análise e relatório de dados.

O Quadro 4, apresenta de forma sucinta, a compilação das entrevistas realizadas com: os atrativos turísticos, a gestão da Associação dos *Caminhos de Pedra*, turistas, residentes e Poder Público. Na sequência, é efetuada a análise dos

dados coletados, utilizando-se do referencial teórico e de outras pesquisas desenvolvidas relacionadas ao tema.

Quadro 4 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase de Exploração

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase de exploração é caracterizada por um pequeno número de turistas/ mochileiros, que aceitam as condições locais. Os visitantes são atraídos para a localidade em razão de suas características naturais e culturais únicas. Nessa fase, não há o aparecimento de nenhuma instalação voltada para o atendimento ao visitante. Em relação ao contato que é estabelecido entre mochileiros e residentes, é bastante satisfatório, não ocorrendo perturbação na sociedade local.</p>	<p>1. Em relação ao contato que é estabelecido entre o turista e os residentes, o visitante de alguma forma perturba a sociedade pertencente ao roteiro turístico?</p> <p>Sim 14,29% Não 85,71%</p>	<p>1. Existe formalmente a gestão/associação da destinação turística?</p> <p>(<input checked="" type="checkbox"/>) Sim (<input type="checkbox"/>) Não</p> <p>2. Existem instalações voltadas ao atendimento do turista?</p> <p>(<input checked="" type="checkbox"/>) Sim (<input type="checkbox"/>) Não</p>	<p>1. É a primeira vez que você visita o roteiro turístico? Sim 65,43% Não 34,57%</p> <p>2. Qual foi o motivo que o trouxe até o roteiro turístico? Paisagem e natureza 49,94% Infraestrutura 8,04% Gastronomia 22,85% Hospedagem 2,45% Marketing 8,74% Outros - 7,98% Indicação – 0,53% Passeio – 3,19% Visita a amigos – 0,53% História – 0,53% Excursão – 1,60% Feira – 0,53% Assinalou e não respondeu – 1,07%</p> <p>3. Que meios você utilizou para chegar até o roteiro turístico? Carro / moto ou bicicleta próprios 67,55% Avião / van ou Agência de Turismo 5,32% Carro / moto ou bicicleta locados 9,04% Ônibus de excursão 13,83% Van 4,26%</p>	<p>1. Os turistas aceitam as condições locais da comunidade? Sim 91,97% Não 8,03%</p> <p>2. Em relação ao contato que é estabelecido entre o turista e os residentes, o visitante de alguma forma perturba a sociedade local?</p> <p>Sim 13,87% Não 86,13%</p>	<p>1. Existe o envolvimento do Poder Público na destinação turística?</p> <p>(<input checked="" type="checkbox"/>) Sim (<input type="checkbox"/>) Não</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A **primeira fase**, conhecida como **a fase da exploração**, é caracterizada por um pequeno número de turistas/mochileiros, que aceitam as condições locais; nota-se que 91,97% dos residentes pertencentes ao roteiro dizem que os turistas aceitam as condições locais da comunidade. Nesta fase, os visitantes são atraídos para a localidade, em razão de suas características naturais e culturais únicas: observa-se que 49,94% dos turistas são atraídos pela paisagem e natureza, sendo 50,06% distribuídos entre outros 12 motivos.

Outra característica dessa fase é a destinação não dispor de nenhuma instalação voltada ao atendimento do visitante. De acordo com a Associação, existem instalações voltadas para o atendimento do visitante, dentre elas a própria associação e, segundo o Poder Público, o mesmo está envolvido na destinação turística.

O contato que é estabelecido entre turistas e residentes é bastante satisfatório, não ocorrendo perturbação na sociedade local; nota-se que 85,71% dos donos de atrativos e 86,13% dos residentes afirmam que o turista não perturba a sociedade pertencente ao roteiro, corroborando com a teoria mencionada. Ainda, afirmaram 65,43% dos turistas que era a primeira vez que visitavam a destinação turística e que 67,55% utilizam como meio de transporte, para chegar até o roteiro, carro, moto ou bicicleta própria.

Quadro 5 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase do Envolvimento

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase do envolvimento é ocasionada com o aumento do número de visitantes, e alguns moradores locais começam a oferecer instalações a eles. É nessa fase que a população local percebe que o turismo pode ser benéfico, aproveitando as iniciativas locais para a construção de instalações e acomodações.</p>	<p>1. Os atrativos turísticos percebem o turismo como algo benéfico?</p> <p>(<input checked="" type="checkbox"/>) Sim (<input type="checkbox"/>) Não</p>	<p>1. A população local percebe o turismo como algo benéfico?</p> <p>(<input checked="" type="checkbox"/>) Sim (<input type="checkbox"/>) Não</p>	<p>1. Quanto às instalações e acomodações que fazem parte do roteiro, como você as classifica?</p> <p>Ótimas 57,98% Boas 38,83% Regulares 3,19% Ruins Péssimas</p> <p>2. Você gostaria de sugerir a ampliação de instalações em alguma(s) das áreas específicas?</p> <p>Alimentação 39,21% Hospedagem 22,50% Lazer 27,81% Comércio 10,48%</p>	<p>1. Você acredita que o turismo possa ser benéfico para a comunidade?</p> <p>Sim 93,43% Não 6,57%</p> <p>2. É disponibilizada para o turista/visitante a casa onde você reside?</p> <p>Sim 14,60% Não 85,40%</p>	<p>1. O Poder Público percebe o turismo como algo benéfico?</p> <p>(<input checked="" type="checkbox"/>) Sim (<input type="checkbox"/>) Não</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A **segunda fase**, conhecida como **a fase do envolvimento**, é ocasionada por um aumento do número de visitantes, e alguns moradores locais começam a ofertar suas instalações aos turistas. Observa-se que 85,40% dos residentes não disponibilizam para o turista a casa onde residem, contestando a teoria dissertada. É nessa fase, também, que a população local percebe que o turismo pode ser benéfico.

Repara-se que os atrativos, a gestão/associação e o Poder Público identificam o turismo como algo benéfico, e também 93,43% dos residentes veem o mesmo como algo positivo. No que tange ao aproveitamento das iniciativas locais para a construção de instalações e acomodações por parte da população local, nota-se que 57,98% dos turistas classificam as instalações e acomodações pertencentes ao roteiro como ótimas.

Apesar de grande parte identificar as instalações como ótimas, sugerem a ampliação nas áreas de alimentação, lazer, hospedagem e comércio.

Quadro 6 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase de Desenvolvimento

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase de desenvolvimento é moldada pela publicidade pesada. No decorrer dessa, a participação e o controle local declinarão rapidamente. Alguns fornecedores de instalações locais terão desaparecido, sendo substituídos, assim, por organizações externas. As atrações culturais serão desenvolvidas e comercializadas, tornando-se artificiais, assim como a mudança na aparência física da área que é perceptível. O número de turistas em períodos de pico provavelmente será igual ou maior daquele da população local.</p>	<p>1. Quais são os períodos de pico em relação ao turismo?</p> <p>Férias de janeiro e fevereiro 19,45% Férias de julho 35,30% Festas de final de ano 9,14% Inverno 31,35%</p> <p>Outro? 4,76% Sempre 4,76%</p> <p>2. No período de pico, o número de visitantes supera a população?</p> <p>Sim 71,43% Não 28,57%</p> <p>3. Os fornecedores são da localidade?</p> <p>Sim 66,67% Não 33,33%</p>	<p>1. Há investimento em publicidade?</p> <p>() Sim (X) Não</p> <p>2. Se sim, qual é o percentual investido em publicidade, se comparado o faturamento anual da destinação?</p>	<p>1. Em relação às atrações culturais pertencentes ao roteiro, como você as identifica?</p> <p>Naturais 81,91% Construídas/ Modificadas 18,09%</p> <p>2. Como você ficou sabendo do roteiro turístico?</p> <p>TV 3,75% Rádio Revista 4,25% Redes sociais 17,90% Fôlderes 10,72% Indicações 52,74%</p> <p>Outro? 10,64% Jornal, 0,53% Guia 4 Rodas, 0,53% Excursão, 1,06% Agência, 2,14% Internet, 3,19% Assinalou e não respondeu, 3,19%</p>	<p>1. Você consegue notar mudanças na aparência física da região, após ter se tornado uma destinação turística?</p> <p>Sim 82,48% Não 17,52%</p>	<p>1. É investido em publicidade?</p> <p>() Sim (X) Não</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A **terceira fase**, conhecida como **a fase do desenvolvimento**, é moldada pela publicidade pesada; porém, constata-se, juntamente com a gestão/Associação, que não é investido em publicidade, e 52,74% dos turistas dizem que ficaram conhecendo a destinação através de indicações. No decorrer dessa fase, a participação e o controle local declinarão rapidamente, e alguns fornecedores de instalações locais terão desaparecido, sendo substituídos por organizações externas.

Nota-se que 66,67% dos donos de atrativos pertencentes ao roteiro continuam comercializando com fornecedores locais, contestando o que foi dissertado. As atrações culturais serão desenvolvidas e comercializadas, tornando-se artificiais, assim como a mudança na aparência física da área que é perceptível.

Observa-se que 82,42% dos residentes notam mudanças apenas na aparência física da região, e 81,91% dos turistas identificam as atrações como sendo naturais. A percepção dos turistas e dos residentes, quanto à aparência física da região é distinta, pois os residentes vivenciam diariamente as alterações que ocorrem e os turistas, por ser o primeiro contato, têm uma percepção diferente. Verifica-se que 71,43% dos donos de atrativos dizem que, em períodos de pico, o número de visitantes supera a população local. Também mais de 65% dos donos de atrativos evidenciam que o período de pico para o turismo, na destinação, é nas férias de julho e no inverno.

Quadro 7 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase de Consolidação

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase de consolidação é marcada por uma diminuição no número de visitantes, sendo que a economia da região é impulsionada pelo turismo. Inicia-se, então, um processo de desenvolvimento de esforços para renovar e substituir os equipamentos turísticos.</p>	<p>1. Existe uma diminuição no número de visitantes?</p> <p>Sim 42,86% Não 57,14%</p> <p>2. Está sendo desenvolvido algum tipo de esforço ou atividade/planejamento para renovar ou substituir as atrações turísticas?</p> <p>Sim 80,95% Não 19,05%</p>	<p>1. A economia da região é impulsionada pelo turismo?</p> <p>() Sim (X) Não</p> <p>2. Está sendo desenvolvido algum tipo de esforço ou atividade/planejamento para renovar ou substituir as atrações turísticas?</p> <p>() Sim (X) Não</p>	<p>1. Você adquiriu os produtos comercializados no roteiro?</p> <p>Sim 84,57% Não 15,43%</p> <p>2. Quanto você gastou ou pretende gastar no roteiro turístico?</p> <p>Zero reais 1,60% Até R\$ 100,00 29,80% De R\$ 100,00 a R\$ 200,00 29,25% De R\$ 200,00 a R\$ 300,00 21,80% De R\$ 300,00 a R\$ 400,00 7,45% Mais de R\$ 400,00 10,10%</p>	<p>1. A renda familiar advém do turismo?</p> <p>Sim 18,98% Não 81,02%</p>	<p>1. Está sendo desenvolvido algum tipo de esforço ou atividade/planejamento para renovar ou substituir as atrações turísticas?</p> <p>(X) Sim () Não</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A **quarta fase**, conhecida como **a fase da consolidação**, é marcada por uma diminuição no número de visitantes. Observa-se que cerca de 57,14%, dos donos de atrativos pertencentes ao roteiro, dizem não perceber uma diminuição no número de visitantes. Outra característica presente nessa fase é o turismo como fonte de renda econômica principal; porém, nota-se que 81,02% dos residentes dizem que a renda familiar não advém do turismo e, segundo a Associação, a economia da região não é impulsionada pelo turismo, contrapondo a teoria exposta.

Nessa mesma fase, acontece um processo de desenvolvimento de esforços para renovar e substituir equipamentos turísticos; a pesquisa demonstra que o Poder Público e que 80,95% dos donos de atrativos dizem que está sendo desenvolvido algum tipo de esforço atividade/planejamento para renovar ou substituir as atrações turísticas, corroborando a teoria mencionada.

Considerou-se como resposta de caráter relevante para a pesquisa o *feedback* dado pelos donos de atrativos, pois vivenciam diariamente tudo o que acontece no roteiro.

Quadro 8 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase da Estagnação

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>Na fase da estagnação surgem problemas de cunho ambiental, social e econômico. O local terá uma imagem bem-estabelecida, porém não será mais “da moda”. O número maciço de turistas chega em pacotes padronizados lotados, e, dentre suas expectativas, está o fato de encontrarem o conforto de dispõem em seu local de origem.</p>	<p>1. Você consegue perceber o surgimento de algum tipo de problema de cunho ambiental, social ou econômico? Se sim, qual? 33,33%</p> <p>Infraestrutura, má localização do Centro de Informações, falta de planejamento e falta de união entre os comerciantes 4,76% Social 4,76% Ambiental, Social e Econômico 4,76% Econômico 9,53% Ambiental, visitantes, guias de turismo que se adonam da propriedade 4,76% Falta de mão de obra, vendas de terreno 4,76%</p> <p>Não 66,67%</p>	<p>1. Você consegue perceber o surgimento de algum tipo de problema de cunho ambiental, social ou econômico?</p> <p>() Sim (X) Não</p> <p>Se sim, qual? _____</p>	<p>1. Percebe-se nos atrativos cuidados com práticas ambientais? Sim 97,87% Não 2,13%</p> <p>2. Você está hospedado no roteiro turístico? Sim 11,70% Não 88,30%</p> <p>Se não, onde? Passeio 5,31% Hospedado(a) na cidade de Bento Gonçalves 27,64% Hospedado(a) na cidade de Caxias do Sul 2,66% Hospedado(a) na cidade de Farroupilha 3,23% Hospedado (a) na cidade de Gramado 3,19% Hospedado(a) na cidade de Veranópolis 0,53% Não respondeu 45,74%</p> <p>3. Você reside em municípios próximos ao Roteiro Turístico? Sim 19,68% Não 80,32%</p> <p>4. Foi adquirido pacote padronizado em uma agência de turismo para a visitaçao do Roteiro? Sim 12,23% Não 87,77%</p>	<p>1. Como você percebe a imagem do Roteiro Turístico?</p> <p>Consolidada 19,71%</p> <p>Em desenvolvimento 76,64%</p> <p>Em declínio 3,65%</p>	<p>1. Você consegue perceber o surgimento de algum tipo de problema de cunho ambiental, social ou econômico?</p> <p>() Se sim, Qual? _____</p> <p>(X) Não</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Na **quinta fase**, conhecida como **a fase da estagnação**, começam a surgir problemas de cunho ambiental, social e econômico. Percebe-se que a Associação, o Poder Público e 66,67% dos donos de atrativos dizem não notar o surgimento de algum tipo de problema de cunho ambiental, social e econômico. Ainda 97,87% dos turistas dizem perceber, nos atrativos, cuidados com as práticas ambientais. Essa fase também é caracterizada pelo local não ser mais “da moda”; nota-se que 76,64% dos residentes percebem a imagem do roteiro como em desenvolvimento. Nesta fase ocorre a chegada de turistas em pacotes padronizados; percebe-se que 87,77% dos turistas não adquiriram um pacote padronizado.

Em relação à expectativa do turista, de encontrar o mesmo conforto de que dispunha em seu local de origem, constata-se que 88,30% estão hospedados fora da destinação, em cidades próximas. Ainda que a maioria, ou seja, 80,32% dos turistas não residam próximo ao roteiro.

Quadro 9 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase do Declínio

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>A fase do declínio será marcada por não conseguir mais competir com as novas atrações e então terá de enfrentar o mercado em declínio. O volume, relacionado aos negócios de propriedades, tende a ser elevado, seguido por equipamentos turísticos muitas vezes substituídos por estruturas relacionadas a não turismo; estes poderão ser adquiridos por funcionários e por outros moradores a preços inferiores ao mercado. A área pode tornar-se uma favela ou perder sua função turística completamente.</p>	<p>1. Está ocorrendo a venda de propriedades relacionadas ao turismo, para substituição por estruturas relacionadas a não turismo?</p> <p>Sim 19,05% Não 80,95%</p> <p>2. Se sim, o valor é inferior ao praticado no mercado?</p> <p>Sim Não 100%</p> <p>3. Existe algum indicativo de que o roteiro turístico esteja em declínio?</p> <p>Sim Não 100%</p>	<p>1. O roteiro turístico consegue competir com as novas atrações turísticas?</p> <p>(X) Sim () Não</p> <p>2. É possível notar uma substituição das estruturas turísticas para não turísticas?</p> <p>() Sim (X) Não</p>	<p>1. Você voltaria no roteiro turístico?</p> <p>Sim 98,40% Não 1,60%</p>	<p>1. As propriedades estão sendo comercializadas com “especulação imobiliária”?</p> <p>Sim 40,88% Não 59,12%</p>	<p>1. É possível notar uma substituição das estruturas turísticas para não turísticas?</p> <p>() Sim (X) Não</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A **sexta e penúltima fase**, conhecida como **a fase do declínio**, é marcada por não conseguir mais competir com as novas atrações, e então terá de enfrentar o mercado em declínio.

Observa-se que, para a gestão, o roteiro turístico consegue competir com as outras atrações turísticas. Os donos de atrativos pertencentes ao roteiro dizem que o mesmo não se encontra em declínio. Também nessa fase muitas vezes os equipamentos turísticos poderão ser substituídos por estruturas relacionadas a não turismo, que poderão ser adquiridas por funcionários e por outros moradores a preços inferiores ao mercado. O Poder Público e a gestão do roteiro entendem que não está ocorrendo a substituição de estruturas turísticas para não turísticas; 80,95% dos donos de atrativos dizem que não está ocorrendo a venda de propriedades relacionadas ao turismo, para substituição por estruturas relacionadas a não turismo.

Repara-se que cerca de 59,12% dos residentes dizem que as propriedades não estão sendo comercializadas com “especulação imobiliária”.

Quadro 10 – Compilação dos dados coletados através do instrumento – Fase do Rejuvenescimento

FASE DO CICLO DE VIDA DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	ATRATIVOS TURÍSTICOS DA DESTINAÇÃO	GESTÃO DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA	TURISTAS	RESIDENTES	PODER PÚBLICO
<p>Para a fase do rejuvenescimento, uma abordagem alternativa para ela é aproveitar-se dos recursos naturais inexplorados. O desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e simultaneamente serve para revitalizar. Em muitos casos são necessários esforços do governo e particulares.</p>	<p>1. Está ocorrendo o desenvolvimento de novas instalações, como forma de revitalização?</p> <p>Sim 90,48% Não 9,52%</p> <p>2. O desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e simultaneamente serve para revitalizar?</p> <p>Sim 85,71% Não 14,29%</p>	<p>1. De alguma forma estão sendo aproveitados recursos naturais inexplorados?</p> <p>(<input type="checkbox"/>) Sim (<input checked="" type="checkbox"/>) Não</p>	<p>1. No roteiro turístico é possível identificar recursos naturais inexplorados?</p> <p>Sim 85,64% Não 14,36%</p>	<p>1. Depois de constituído o roteiro, houve a instalação de novos atrativos?</p> <p>Não 28,47% Sim 71,53%</p>	<p>1. Quais são os incentivos financeiros e econômicos para o desenvolvimento do roteiro turístico?</p> <p>1. Repasse de auxílio financeiro todos os anos;</p> <p>2. Repasse financeiro para manutenção do "Ponto de Cultura".</p> <p>2. O desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e simultaneamente serve para revitalizar?</p> <p>(<input checked="" type="checkbox"/>) Sim (<input type="checkbox"/>) Não</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

A **sétima e última fase**, conhecida como a **fase do rejuvenescimento**, aproveita-se de recursos naturais inexplorados. Segundo a Associação, ainda não estão sendo aproveitados recursos naturais inexplorados, nota-se que mais de 85% dos turistas dizem identificar no roteiro recursos naturais inexplorados. Outra característica marcante, nessa fase, segundo Butler (1980), é o desenvolvimento de novas instalações como forma de revitalizar. Observa-se que 90,48% dos donos de atrativos dizem que está ocorrendo o desenvolvimento de novas instalações, como forma de revitalização.

De acordo com 85,71% dos donos de atrativos, o desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e simultaneamente serve para revitalizar. Para o Poder Público, o desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e serve para revitalizar. Observa-se que 71,53% dos residentes dizem que houve a instalação de novos atrativos, depois de constituído o roteiro, corroborando as ideias de Butler (1980). Segundo sua teoria, em muitos casos é necessário combinar esforços de governo e de particulares. Verifica-se com o Poder Público que a destinação recebe incentivos financeiros para fins de desenvolvimento.

4.1 SÍNTESE DOS DADOS COLETADOS ATRAVÉS DO INSTRUMENTO

O instrumento desenvolvido e validado na presente pesquisa possibilitou a identificação da fase em que se encontra a destinação gaúcha “Caminhos de Pedra”. O instrumento tem como objetivo contemplar as características referente às fases do ciclo de vida de uma destinação turística, cujo modelo é proposto por Butler (1980).

As principais características contempladas no instrumento, e que de alguma forma possibilitam identificar a fase do ciclo de vida em que se encontra determinada destinação turística, estão assim relacionadas:

- contato entre turistas e residentes;
- número de turistas (aumento, diminuição ou supera moradores);
- o turismo passa a ser percebido como algo benéfico;
- publicidade;
- aparência física da destinação;

- renovação e/ou substituição de equipamentos turísticos;
- turismo como fonte de renda;
- desenvolvimento econômico;
- imagem da destinação;
- problemas de cunho ambiental, social e econômico;
- substituição de estruturas turísticas para não turísticas;
- poder de competição.

De acordo com Rose (2002), a partir da identificação do ciclo de vida, podem-se estabelecer estratégias de mercado para prolongar ao máximo o interesse e o tempo de existência da destinação. Um dos objetivos gerais da pesquisa foi identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística, porém constatou-se que o roteiro onde foi validada a pesquisa encontra-se com predominância de características das fases de envolvimento e desenvolvimento.

Conforme a análise, foram encontradas as seguintes características nas fases do ciclo de vida da destinação turística desenvolvido por Butler (1980): Contato entre mochileiros/residentes é bastante satisfatório, não ocorrendo a perturbação local; a população percebe que o turismo pode ser benéfico; mudança na aparência física; o número de turistas em períodos de pico é igual ou maior que o da população local; inicia-se então, um processo de desenvolvimento de esforços para renovar e substituir equipamentos turísticos; em relação à expectativa do turista, de encontrar o mesmo conforto que dispunha em seu local de origem; aproveita-se dos recursos naturais inexplorados; o desenvolvimento de novas instalações torna-se economicamente viável e simultaneamente serve para revitalizar; em muitos casos são necessários esforços do governo e particulares.

5 CONCLUSÃO

Buscou-se com esta pesquisa responder quais características devem ser contempladas em um instrumento de pesquisa, capaz de identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística. Com o auxílio de uma pesquisa de caráter bibliográfico foi possível entender e identificar as distintas características de cada fase do ciclo de vida das destinações turística modelo este proposto por Butler em (1980). Visando de alguma forma identificar a existência de pesquisas relacionadas ao *ciclo de vida da destinação turística*, foi realizada uma busca nas seguintes bases de dados: Capes, nos programas *Stricto Sensu*, Portal de Periódicos da Capes, Sage, Emerald, Insight e Science Direct.

– respondendo ao **primeiro objetivo específico** da pesquisa: desenvolver, a partir da literatura estudada, um instrumento que possibilite identificar a fase do ciclo de vida de determinada destinação turística. Para o desenvolvimento deste instrumento, utilizou-se levantamento bibliográfico. Após realizado o levantamento referente ao ciclo de vida da destinação turística, modelo proposto por Butler (1980), buscou-se identificar as características de cada fase para o desenvolvimento do instrumento.

– no **segundo objetivo específico**: definir uma destinação turística para aplicação do instrumento proposto. De acordo com Posenato (1983), a destinação pesquisada possui a melhor arquitetura popular brasileira. Também foram analisados os seguintes aspectos, pensando no desenvolvimento da pesquisa: intenção de contribuir no desenvolvimento turístico de Bento Gonçalves, acessibilidade aos dados quantitativos e qualitativos e foi averiguado se a destinação turística já havia sido tema de outros trabalhos científicos com o assunto que desejava-se construir.

– no **terceiro objetivo específico**: descrever/apresentar as características, desde a constituição da destinação definida. Para a concretização da descrição/apresentação das características locais, foi feita pesquisa na Associação/gestão da destinação turística Caminhos de Pedra e na obra de Júlio Posenato, *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. As características descritas e apresentadas pela Associação/gestão e na obra de Júlio Posenato, foram evidenciadas muitas vezes nas visitas feitas a destinação turística local este onde é compreendido o roteiro.

– o **quarto objetivo específico**: Coletar dados, utilizando o instrumento proposto, com residentes, turistas, Associação da Destinação Turística, Poder Público e atrativos. Antes de ser realizada a coleta de dados com os membros citados, foi realizada a validação com três professores pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul. Conforme Souza et al. (2013), na aplicação de um instrumento não pode haver comunicação direta entre o investigador e o investigado. Dessa forma, foram aplicadas 348 entrevistas, sendo: 188 com turistas, 137 com residentes, 21 com os atrativos, uma com Associação e uma com Poder Público, utilizando-se uma margem de erro de 6% e nível de confiança de 90%. A coleta de dados iniciou-se em 30/09/2014 e encerrou-se em 28/11/2014.

– o **quinto objetivo específico** e último: analisar os dados e gerar informações que permitam identificar a fase do *ciclo de vida da destinação turística*. Para a análise de dados e geração de informações, utilizou-se do *software* SPSS Statistics. De acordo com Marôco (2011) é o mais utilizado para análise de dados nas seguintes áreas: ciências sociais e humanas, biomedicina, ciências empresariais e de engenharia. Após geradas as informações no *software* SPSS Statistics, foi utilizada uma tabela para a compilação e análise das informações, coligando com o referencial teórico e com outras pesquisas relacionadas ao tema.

Desenvolvendo os objetivos específicos, foi possível atingir o objetivo geral e responder a questão de pesquisa, apresentando algumas características que devem ser contempladas no instrumento de pesquisa, para possibilitar a identificação da fase do ciclo de vida de uma determinada destinação turística. Dentre as principais características estão: publicidade, número de turistas, desenvolvimento econômico, imagem da destinação, dentre outras.

5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A pesquisa realizada nesta dissertação apresenta algumas limitações, tais como:

- dificuldade de acesso à primeira parte do Projeto Caminhos de Pedra Fase 1;
- a destinação turística apresenta limitações em relação ao registro de informações de turistas;
- retorno das entrevistas.

Perante as limitações descritas em relação ao pioneirismo da pesquisa e o grau de comprometimento dos envolvidos na destinação turística, deve-se considerar o incentivo para a realização de outras investigações sobre o tema desta dissertação. A seguir, algumas possibilidades de estudo.

5.2 OPORTUNIDADES PARA PESQUISAS FUTURAS

Considera-se importante elencar algumas sugestões para estudos futuros, como:

- interligar o modelo do ciclo de vida da destinação turística de Butler (1980) com o Sistema de Turismo proposto por Beni, para identificar as similaridades entre ambos;
- aplicar o instrumento em outras destinações turísticas e comparar os resultados.

Pelo fato de o tema ser pioneiro no campo da pesquisa, considera-se relevante elencar algumas sugestões para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ACERENZA, Miguel Àngel. **Administração do turismo**. São Paulo: Edusc, 2002.

ALEGRE, Joaquín; CLADERA, Magdalena. Tourist characteristics that influence shopping participation and expenditures. *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*. Vol.6 , pp. 223-237, 2012. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?issn=1750-6182&volume=6&issue3&articleid=17047033&show=html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ASCANIO, Alfredo. **Turismo e planejamento hoteleiro: avaliação econômica e ambiental**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BADARÓ, Rui Aurélio de Lacerda. **Direito do turismo: história e legislação no Brasil e no exterior**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2002.

BAGGIO, Rodolfo. Complex tourism systems: a visibility graph approach. *Kybernetes*, v. 43, p. 445-461, 2014. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?issn=0368-492X&volume43&issue3/4&articleid17107873&show=html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

BAGGIO, Rodolfo; SAINAGHI, Ruggero. Complex and chaotic tourism systems: towards a quantitative approach. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, v. 23, p. 840-861, 2011. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?issn=0959-6119&volume=23&issue=6&articleid=1944291&show=html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BUTLER, R. W. The concept of a tourist area life cycle of evolution implications for management of resources. **Canadian Geographer**, v. 24, n. 1, p. 5-12, 1980. Disponível em: <<http://aaronluman.com/articles/CycleOfEvolution.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

BALANZÁ, Isabel Milió; NADAL, Mónica Cabo. **Marketing e comercialização de Produtos Turísticos**. São Paulo: Thomson, 2003.

BENI, Mario Carlos. **Globalização do turismo**: megatendências do setor e a realidade brasileira. São Paulo: Aleph, 2003.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 2007.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 13. ed. São Paulo: Senac, 2008.

BONAT, Debora. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. Curitiba: Iesde Brasil, 2009.

BROOKER, E.; BURGESS, J. Marketing destination Niagara effectively through the tourism life cycle. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 20(3), p.278-292, 2008. Disponível em: <[BUHALIS, D. Marketing the competitive destination on of the future. **Tourism Management**, v. 21, p. 97-116, 2000. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517799000953>>. Acesso em: 25 jan. 2014.](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?frbrVersion=4&ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-06-30T13%3A51%3A19IST&url_ver=Z39.882004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rfid=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-scopus&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:unknown&rft.genre=unknown&rft.atitle=Marketing%20destination%20Niagara%20effectively%20through%20the%20tourism%20life%20cycle&rft.jtitle=International%20Journal%20of%20Contemporary%20Hospitality%20Management&rft.btitle=&rft.aulast=Brooker&rft.auinit=E.&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Brooker%2C%20E.&rft.aucorp=&rft.date=20080505&rft.volume=20&rft.issue=3&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=278&rft.epage=292&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=09596119&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1108/09596110810866091&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<scopus>2-s2.0-42649136537</scopus>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes>. Acesso em: 6 jun. 2014.</p>
</div>
<div data-bbox=)

CHINAPAH, Vinayagum. **Rendimento da aprendizagem**: construção de competências. Campinas/SP: Autores Associados; Brasília: Unesco, 2000.

CLAUDE, D; ZACCOUR, G. Investment in tourism market and reputation. **Journal Of Public Economic Theory**, v. 11(5), p. 797-817, 2009. Disponível em:

<[CAMINHOS DE PEDRA. Disponível em:](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?frbrVersion=6&ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-06-30T13%3A55%3A33IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-scopus&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:article&rft.genre=article&rft.atitle=Investment%20in%20tourism%20market%20and%20reputation&rft.jtitle=Journal%20of%20Public%20Economic%20Theory&rft.btitle=&rft.aulast=Claude&rft.auinit=D.&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Claude%2C%20D.&rft.aucorp=&rft.date=20091001&rft.volume=11&rft.issue=5&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=797&rft.epage=817&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=10973923&rft.eissn=14679779&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1111/j.1467-9779.2009.01430.x&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<scopus>2-s2.0-70349204623</scopus>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes>. Acesso em: 6 jun. 2014.</p>
</div>
<div data-bbox=)

<<http://www.caminhosdepedra.org.br/pt/?pg=historico>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

CATLIN, James; JONES, Roy; JONES, Tod. revisiting duffus and dearden's wildlife tourism framework. **Biological Conservation**, v. 144(5), p. 1537-1544. mar. 2011. Disponível em:

<[CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-06-30T13%3A58%3A35IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-sciversesciencedirect_elsevier&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:&rft.genre=article&rft.atitle=Revisiting%20Duffus%20and%20Dearden's%20wildlife%20tourism%20framework&rft.jtitle=Biological%20Conservation&rft.btitle=&rft.aulast=Catlin&rft.auinit=&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Catlin%2C%20James&rft.aucorp=&rft.date=2011&rft.volume=144&rft.issue=5&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=1537&rft.epage=1544&rft.pages=1537-1544&rft.artnum=&rft.issn=0006-3207&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1016/j.biocon.2011.01.021&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<sciversesciencedirect_elsevier>S0006-3207(11)00043-7</sciversesciencedirect_elsevier>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes&gathStatIcon=true>. Acesso em: 5 jun. 2014.</p>
</div>
<div data-bbox=)

CENTURIÃO, D. A. S.; FAGUNDES, M. B. B.; SCHMIDT, V. Discussão sobre as políticas públicas com influência nos empreendimentos econômicos solidários ligados ao turismo em Corumbá – MS. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 5, n. 3, p. 241-260, 2013. Disponível em:

<<http://www.spell.org.br/documentos/ver/10474/discussao-sobre-as-politicas->

publicas-com-influencia-nos-empreendimentos-economicos-solidarios-ligados-ao-turismo-em-corumba-ms>. Acesso em: 25 jan. 2014.

COLE, Sam. Synergy and congestion in the tourist destination life cycle. **Tourism Management**, v. 33, p. 1128-1140, 2012. Disponível em: <http://ac.els-cdn.com/S0261517711002457/1-s2.0-S0261517711002457-main.pdf?_tid=fbf8ac9a-12c6-11e4-8c49-00000aacb360&acdnat=1406160836_3d1f3e3ce32e083c7ebd40b73ffc859f>. Acesso em: 6 jun. 2014.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TURISMO. Disponível em: <http://www.cntur.com.br/turismo_social.html>. Acesso em: 19 jan.2014.
COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca. **Turismo: princípios e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CRESSWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Licínio. **Economia e política do turismo**. Português: Mcgraw-Hill,1997.

DANTAS, Edmundo Brandão. **Marketing descomplicado**. 1. ed. São Paulo: Senac, 2005.

DE LA TORRE, Oscar. **El turismo: fenómeno social**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica,1997.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. 4. reimp. São Paulo: Atlas, 2013.

DIAS, Reinaldo; PIMENTA, Maria Alzira (Org.). **Gestão de hotelaria e turismo**. São Paulo: Pearson Hall, 2005.

DÍAZ, Manuel Rodríguez; RODRÍGUEZ, Tomás F. ESPINO, A. Model of strategic evaluation of a tourism destination based on internal and relational capabilities. **Journal of Travel Research**, v. 46, p. 368-380, 2008. Disponível em: <<http://jtr.sagepub.com/content/46/4/368.full.pdf+html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

DIEDRICH, A; GARCIA-BUADES. E. Local perceptions of tourism as indicators of destination decline. **Tourism Management**, v. 30(4), p. 512-521, 2009. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br.ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-06-30T14%3A02%3A05IST&url_ver=Z39.88-

2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-wos&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:article&rft.genre=article&rft.atitle=Local%20perception%20of%20tourism%20as%20indicators%20of%20destination%20decline&rft.jtitle=TOURISM%20MANAGEMENT&rft.btitle=&rft.aulast=Diedrich&rft.auinit=&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Diedrich%20C%20A&rft.aucorp=&rft.date=200908&rft.volume=30&rft.issue=4&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=512&rft.epage=521&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=0261-5177&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1016/j.tourman.2008.10.009&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<wos>000266836500004</wos>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes>. Acesso em: 6 jun. 2014.

EMERALD INSIGHT. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

FERREIRA, Luís Durães. Estudo analítico das variáveis da macro envolvente de um destino turístico. **Tékhnè** [online], 2005, n. 4, p. 135-147. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-99112005000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 abr. 2014.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GÂNDARA, Jose Manoel Gonçalves; RUIZ, Thays Cristina Domareski; MIKI, Adriana Fumi Chim; BIZ, Alexandre. The life cycle and competitive positioning of tourist products of Foz do Iguacu from the perspective of Local Actors. **Investigaciones Turísticas**, n. 6, Julio-diciembre 2013,1-26, ISSN:2174-5609. Disponível em: <[file:///C:/Users/Camile/Downloads/113-530-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Camile/Downloads/113-530-2-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2014.

GARAY, Luis; CÀNOVES, Gemma. Life cycles, stages and tourism history: The Catalonia (Spain) Experience. **Annals of Tourism Research**, v. 38, p. 651-671, 2011. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738310001659>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

GOELDNER, Charles. R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert. W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GUEVARA, Víctor Manuel López. La reorientación del ciclo de vida del área turística: el caso de Bahías de Huatulco, Oaxaca (México). **Investigaciones Turísticas**, Issue 1, p.107-121,2011. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-07-23T20%3A00%3A26IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-

dialnet&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:journal&rft.genre=article&rft.atitle=La%20reorientación%20del%20ciclo%20de%20vida%20del%20área%20turística:%20el%20caso%20de%20Bahías%20de%20Huatulco%2C%20Oaxaca%20(México)&rft.jtitle=Investigaciones%20Turísticas&rft.btitle=&rft.aulast=&rft.auinit=&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=López%20Guevara%2C%20V́ctor%20Manuel&rft.aucorp=&rft.date=2011&rft.volume=&rft.issue=1&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=107&rft.epage=121&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=2174-5609&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<dialnet>ART0000420869</dialnet>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes&gathStatIcon=true>. Acesso em: 6 jun. 2014.

GAYA, Adroaldo; GARLIPP, Daniel Carlos; SILVA, Marcelo Faria; Moreira, Rodrigo Baptista. **Ciências do movimento humano**: introdução à metodologia da pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, C. M. **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto, 2001.

HALL, C.M.; PAGE, S.J. Progress in tourism management: from the geography of tourism to geographies of tourism – a review. **Tourism Management**, v. 30(1), p. 3-16, 2009. Disponível em:

<[I BAIDAL, Josep A. Ivars; SÁNCHEZ, Isabel Rodríguez; REBOLLO, José Fernando Vera. The evolution of mass tourism destinations: new approaches beyond deterministic models in Benidorm \(Spain\). **Tourism Management**, v. 34, p.184-195, 2013. Disponível em:](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?frbrVersion=6&ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-06-30T14%3A04%3A06IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-scopus&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:article&rft.genre=article&rft.atitle=Progress%20in%20Tourism%20Management:%20From%20the%20geography%20of%20tourism%20to%20geographies%20of%20tourism%20-%20A%20review&rft.jtitle=Tourism%20Management&rft.btitle=&rft.aulast=Hall&rft.auinit=C.M.&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Hall%2C%20C.M.&rft.aucorp=&rft.date=20090201&rft.volume=30&rft.issue=1&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=3&rft.epage=16&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=02615177&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1016/j.tourman.2008.05.014&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<scopus>2-s2.0-56649091303</scopus>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes>. Acesso em: 6 jun. 2014.</p>
</div>
<div data-bbox=)

<http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-07-23T19%3A59%3A43IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo

3-Article-

scopus&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:journal&rft.genre=article&rft.atitle=The%20evolution%20of%20mass%20tourism%20destinations:%20New%20approaches%20beyond%20deterministic%20models%20in%20Benidorm%20(Spain)&rft.jtitle=Tourism%20Management&rft.btitle=&rft.aulast=lvars%20i%20Baidal&rft.auinit=J.A.&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=lvars%20i%20Baidal%2C%20J.A.&rft.aucorp=&rft.date=20130201&rft.volume=34&rft.issue=&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=184&rft.epage=195&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=02615177&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1016/j.tourman.2012.04.009&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<scopus>2-s2.0-84867141957</scopus>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes&gathStatIcon=true>. Acesso em: 6 jun. 2014.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=989:reportagens-materias&Itemid=39>. Acesso em: 11 mar. 2014.

KATZ, D.; KAHN, R. L. **Psicologia social das organizações**. São Paulo: Atlas, 1976.

KOZAK, Metin; MARTIN, Drew. Tourism life cycle and sustainability analysis: profit-focused strategies for mature destinations. **Tourism Management**, v. 33(1), p.188(7), fev. 2012. Disponível em: <[LAGE, Beatriz Helena Gela; MILONE, Paulo Cesar. **Economia do turismo**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?frbrVersion=3&ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-06-30T14%3A06%3A37IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-gale_ofa&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:&rft.genre=article&rft.atitle=Tourism%20life%20cycle%20and%20sustainability%20analysis:%20Profit-focused%20strategies%20for%20mature%20destinations.(Report)&rft.jtitle=Tourism%20Management&rft.btitle=&rft.aulast=&rft.auinit=&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Kozak%2C%20Metin&rft.aucorp=&rft.date=20120201&rft.volume=33&rft.issue=1&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=188&rft.epage=&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=0261-5177&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<gale_ofa>266693516</gale_ofa>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes.> Acesso em: 6 jun. 2014.</p>
</div>
<div data-bbox=)

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LEITE, Francisco Tarcísio. **Metodologia científica**. Fortaleza: Unifor, 2004.

LEIPER, N. The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist and the tourism industry. **Annals of Tourism Research**, v. 6, p. 390-407, 1979. Disponível em: <http://ac.els-cdn.com/0160738379900033/1-s2.0-0160738379900033-main.pdf?_tid=a82c20ac-e6b0-11e3-8406-00000aab0f6c&acdnat=1401313396_cbcc36cc59a68e3c20d1427c5b7f4ccd>. Acesso em: 6 jun. 2014.

LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson.L. **Introdução ao turismo**. 4. tir. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: M. Fontes, 1982.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARANHÃO, Christiano Henrique da Silva; PEQUENO, Edilene Adelino; AIRES, Jussara Danielle Martins; BRANDÃO, Pamela de Medeiros; CUNHA, Shirley de Lima. Análise do ciclo de vida do destino turístico Natal/RN à luz do modelo de Butler. **XVI Seminário de Pesquisa do CCSA**, ISSN 1808-6381, pp1-14.2010. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufrn.br/seminario2010/anais/artigos/gt3-03.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

MARÔCO, João. **Análise estatística: com o SPSS Statistics**. 5. ed. Portugal: Report Number, 2011.

MASINA, Renato. **Introdução ao estudo do turismo: conceitos básicos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MCELROY, Jerome L; PARRY, Courtney E. The characteristics of small island tourist economies. **Tourism and Hospitality Research**, v. 10, p. 315-328, 2010. Disponível em: <<http://thr.sagepub.com/content/10/4/315.full.pdf+html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

MCELROY, JL; HAMMA, P.E. SITEs revisited: Socioeconomic and demographic contours of small island tourist economies. **Asia Pacific Viewpoint**. v. 51(1), p.36-46,2010. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br.ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?frbrVersio n=7&ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-06-30T14%3A08%3A17IST&url_ver=Z39.88->

2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-scopus&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:article&rft.genre=article&rft.atitle=SITES%20revisited:%20Socioeconomic%20and%20demographic%20contours%20of%20small%20island%20tourist%20economies&rft.jtitle=Asia%20Pacific%20Viewpoint&rft.btitle=&rft.aulast=McElroy&rft.auinit=J.L.&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=McElroy%20J.L.&rft.aucorp=&rft.date=20100401&rft.volume=51&rft.issue=1&rft.par t=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=36&rft.epage=46&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=13607456&rft.eissn=14678373&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1111/j.1467-8373.2010.01412.x&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisb n=&rft_dat=<scopus>2-s2.0-77953141153</scopus>&rft_idinfo:oai/&svc.fulltextyes>. Acesso em: 6 jun. 2014.

MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://mec.gov.br/>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

MENG, Zhang; WEI, Yu; YU, Yang. On life cycle of cultural heritage engineering tourism: a case study of Macau. **Systems Engineering Procedia**, v. 1, p. 351-357, 2011. Disponível em: <http://ac.els-cdn.com/S2211381911000543/1-s2.0-S2211381911000543-main.pdf?_tid=8b4c1918-12c7-11e4-afa2-00000aacb361&acdnat=1406161077_9356ba7b116e503e0d2e3671acd6e7d9>. Acesso em: 6 jun. 2014.

MOLINAR, Carlos Mario Amaya. Relaciones entre el turismo y la cultura: turismo cultural y cultura turística em México y en Colina. **Época II**, v. XII, n. 24, p. 9-33, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL21scGx1cy5ob3N0ZWQuZXhscWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWlvYWN0aW9uL3NIYXJjaC5kbz9kc2NudD0wJmZyYmc9JnNjcC5zY3BzPXByaW1vX2NlbnRyYWxfbXVsdGlwbGVfZmUmdGFpWRIZmF1bHRfdGFiJmN0PXNIYXJjaCZtb2RlPUJhc2ljJmR1bT10cnVlJmluZHG9MSZmbj1zZWYyZgmdmlkPUNBUEVT&buscaRapidaTermo=Carlos+Mario+Amaya+Molinar&x=25&y=17>. Acesso em: 25 jan. 2014.

MTUR. MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html/>>. Acesso em: 16 jan.2015.

MATTAR, F. N. **Pesquisa em marketing**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NOGUEIRA, Mário. G. O papel do turismo no desenvolvimento econômico e social do Brasil. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, abr./jun.1987. Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/9772/8795>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

OLIVEIRA, Elton Silva. **Impactos socioambientais e econômicos do turismo e suas repercussões no desenvolvimento local: o caso de Itacaré – Bahia.**

2008.153f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008. Disponível em: <http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/mono_elson_silva.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2014.

OLIVEIRA, F. V. Capacidade de carga em cidades históricas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 4, n. 1, art. 3, p. 61-75, 2010. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/4690/capacidade-de-carga-em-cidades-historicas>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao Turismo**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2001.

_____. **Turismo Internacional**: uma perspectiva global. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

ONLINE SAGE PUB. Disponível em: <<http://online.sagepub.com/>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do turismo**. Campinas. SP: Papyrus, 1995.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac, 2010.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

PEARCE, Philip L.; LEE, Uk-II. Developing the travel career approach to tourist motivation. **Journal of Travel Research**, v. 43, p. 226-237, 2005. Disponível em: <<http://jtr.sagepub.com/content/43/3/226.full.pdf+html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

PECHLANER, Harald; LANGE, Sandra; RAICH, Frieda. Enhancing tourism destinations through promoting the variety and uniqueness of attractions offered by minority populations: an exploratory study towards a new research field. **Tourism Review**, v. 66, p. 54-64, 2011. Disponível em:

<<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?issn=1660-5373&volume=66&issue4&articleid17004122&show=html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

PELEGRINI FILHO, Américo. **Turismo cultural em Tiradentes**. São Paulo: Manoela: 2000.

PÉREZ, Pamela L. El ciclo de vida de un área turística: su aplicación a la Costa del Sol española y su medio ambiente. **Observatorio Medioambiental**, 2012, v. 15, 21-34. Disponível em: <<http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41t>>. Acesso em: 29 out. 2013.

PERIÓDICOS CAPES. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

PETROCCHI, Mario. **Turismo: planejamento e gestão**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

PIRES, Ewerthon Veloso. **A iniciativa privada na construção de um destino turístico e o ciclo de vida da destinação**: o caso de Monte Verde no sul de Minas Gerais, Brasil. 2008. Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio Ambiente) – UNA, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=204066>. Acesso em: 25 jan. 2014.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, EST/Educs, 1983.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PULINA, Manuela; DETTORI, Domenica Giovanna; PABA, Antonello. Life cycle of agrotouristic firms in Sardinia. **Tourism Management**, v. 27(5), p.1006-1016, 2006. Disponível em: <[RAPOSO, Alexandre; CAPELLA, Marcia; DOS SANTOS, Cláudia Cardoso. **Turismo no Brasil**: um guia para o guia. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-07-23T19%3A58%3A23IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-wos&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:article&rft.genre=article&rft.atitle=Life%20cycle%20of%20agrotouristic%20firms%20in%20Sardinia&rft.jtitle=TOURISM%20MANAGEMENT&rft.bttitle=&rft.aulast=Pulina&rft.auinit=&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Pulina%2C%20M&rft.aucorp=&rft.date=200610&rft.volume=27&rft.issue=5&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=1006&rft.epage=1016&rft.pages=&rft.artnum=&rft.isn=0261-5177&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1016/j.tourman.2005.10.023&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<wos>000239369600026</wos>&rft_id=info:oai/&svc.fulltextyes&gathStatlcontrue>. Acesso em: 6 jun. 2014.</p>
</div>
<div data-bbox=)

RODRÍGUEZ, Norma Hernández; PALLEROLS, Graciela Castellanos. **El turismo, un sector con futuro**. Universidad de Oriente. Santiago de Cuba.p.106-112,2003. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-04-09T02%3A57%3A30IST&url_ver=Z39.88-

2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-gale_ofa&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:&rft.genre=article&rft.atitle=El%20Turismo%20un%20sector%20con%20futuro.&rft.jtitle=Santiago&rft.btitle=&rft.aulast=&rft.auinit=&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Hernandez%20Rodriguez%20Norma&rft.aucorp=&rft.date=20030501&rft.volume=&rft.issue=100&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=106&rft.epage=&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=0048-9115&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<gale_ofa>146646684</gale_ofa>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes>. Acesso em: 25 jan. 2014.

ROSA, Rafaela Gonçalves. **O ciclo de vida da área turística**: um estudo sobre a Ilha de Porto Belo/SC. Balneário Camboriú/SC, 2008. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&oobra=102492>. Acesso em: 25 jan. 2014.

ROSE, Alexandre Turatti de. **Turismo**: planejamento e marketing. Barueri: Manole, 2002.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

RUSSO, Antonio Paolo. The “vicious circle” of tourism development in heritage cities. **Annals of Tourism Research**, v. 29(1), p.165-182, 2002. Disponível em: <[SCIENCE DIRECT. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/>>. Acesso em: 11 jun. 2014.](http://link.periodicos.capes.gov.br/ez314.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info:ofi/enc:UTF-8&ctx_tim=2014-07-23T19%3A57%3A26IST&url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_id=info:sid/primo.exlibrisgroup.com:primo3-Article-scopus&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:journal&rft.genre=article&rft.atitle=The%20%22vicious%20circle%22%20of%20tourism%20development%20in%20heritage%20cities&rft.jtitle=Annals%20of%20Tourism%20Research&rft.btitle=&rft.aulast=Russo&rft.auinit=A.P.&rft.auinit1=&rft.auinitm=&rft.ausuffix=&rft.au=Russo%20A.P.&rft.aucorp=&rft.date=20020110&rft.volume=29&rft.issue=1&rft.part=&rft.quarter=&rft.ssn=&rft.spage=165&rft.epage=182&rft.pages=&rft.artnum=&rft.issn=01607383&rft.eissn=&rft.isbn=&rft.sici=&rft.coden=&rft_id=info:doi/10.1016/S0160-7383(01)00029-9&rft.object_id=&svc_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:sch_svc&rft.eisbn=&rft_dat=<scopus>2s2.00036136510</scopus>&rft_id=info:oai/&svc.fulltext=yes&gathStatlcontrue>. Acesso em: 6 jun. 2014.</p>
</div>
<div data-bbox=)

SESSA, Alberto. **Turismo e política de desenvolvimento**. Porto Alegre. Uniontur, 1983.

SESSA, Alberto. **Turismo e política de desenvolvimento**. Porto Alegre: Uniontur, 1993.

SHAUGHNESSY, John J; ZECHMEISTER, Eugene B.; ZECHMEISTER, Jeanne S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SOUZA, Girlene Santos de; SANTOS, Anacleto Ranulfo dos; DIAS, Viviane Borges. **Metodologia da pesquisa científica: a construção do conhecimento e do pensamento científico no processo de aprendizado**. São Paulo: Animal, 2013.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em Turismo**. Campinas-SP: Papirus, 1998.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Disponível em: <<http://www.ucs.br/site>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 2001.

VALLS, Josep-Francisc. **Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

WETZEL, Ursula; TOMEI, Patrícia Amélia. **Estudos em negócios II**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZHONG, Linsheng; DENG, Jinyang; XIANG, Baohui. Tourism development and the tourism area life-cycle model: A case study of Zhangjiajie national forest park, China. **Tourism Management**, 2007, 1-16, DOI: 10.1016/j.tourman. 2007.10.002.

Disponível em:

<<http://www.igsnr.cas.cn/xwzx/jxlwtj/200712/W020090715581022518816.pdf>>.

Acesso em: 25 jan. 2014.

ZIELINSKI, Seweryn; SALTAREN, Camilo Mateo Botero. Percepción de la comunidad como indicador del ciclo de vida de un destino: hacia el desarrollo de un sistema de alerta temprana para pequeños destinos. **Estud. perspect. tur., Ciudad Autónoma de Buenos Aires**, v. 20, n. 6, dic. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17322011000600008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 17 mar. 2014.

APÊNDICE A – CASA DOS DOCES PREDEBON



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE B – RESTAURANTE NONA LUDIA



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE C – ATELIER JOÃO BEZ BATTI



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE D – CASA DO TOMATE



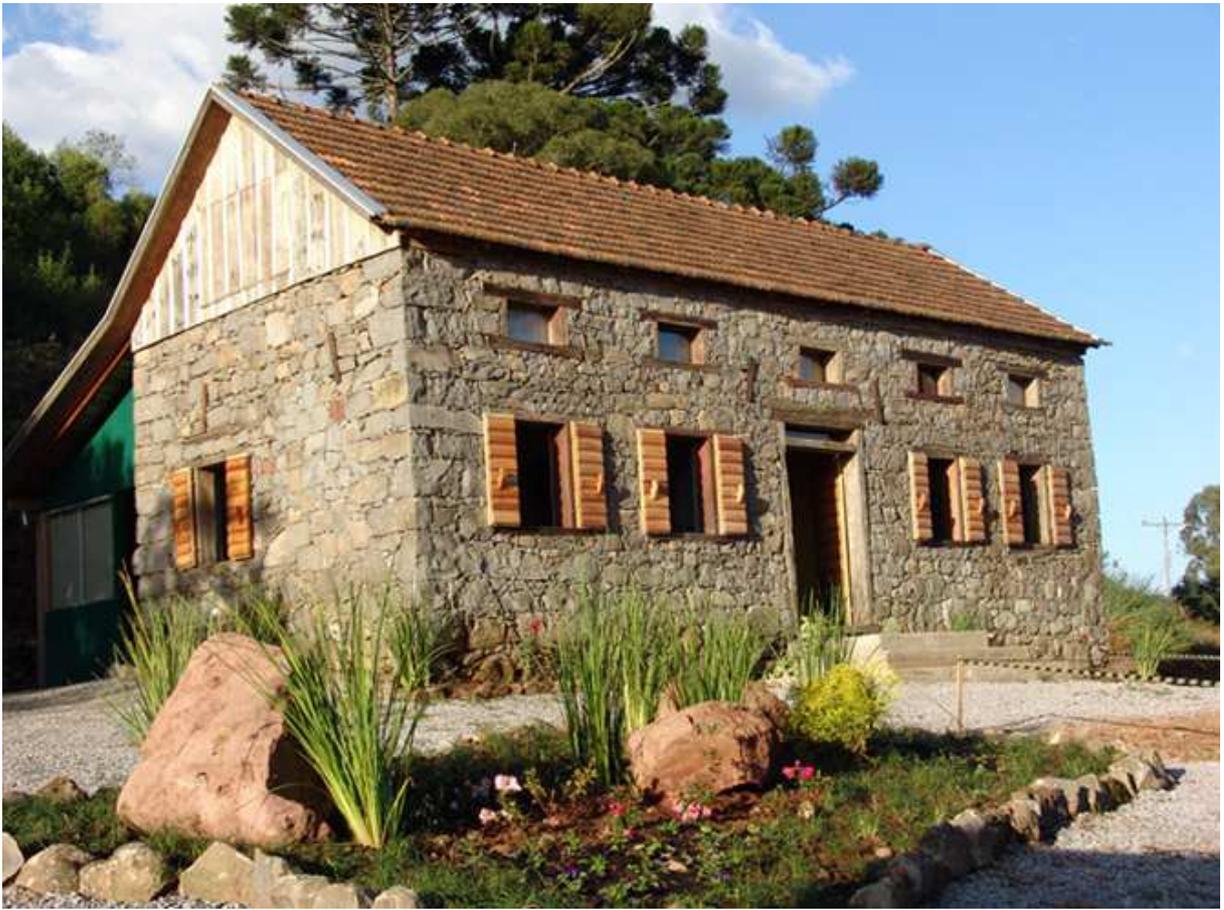
Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE E – FOTO À MODA ANTIGA



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE F – Pousada Cantelli



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE G – PARQUE DA OVELHA



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE H – SALUMERIA



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE I – CASA DAS MASSAS E ARTESANATO



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE J – CASA FRACALOSSI



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE K – CASA DA TECELAGEM

Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE L – PORÃO DE PEDRA



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE M – RESTAURANTE CASA VANNI



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE N – CASA DAS PEQUENAS FRUTAS



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE O – CANTINA STRAPAZZON



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE P – VINÍCOLA SALVATI & SIRENA

Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE Q – CASA DAS CUCAS VITIACERI



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

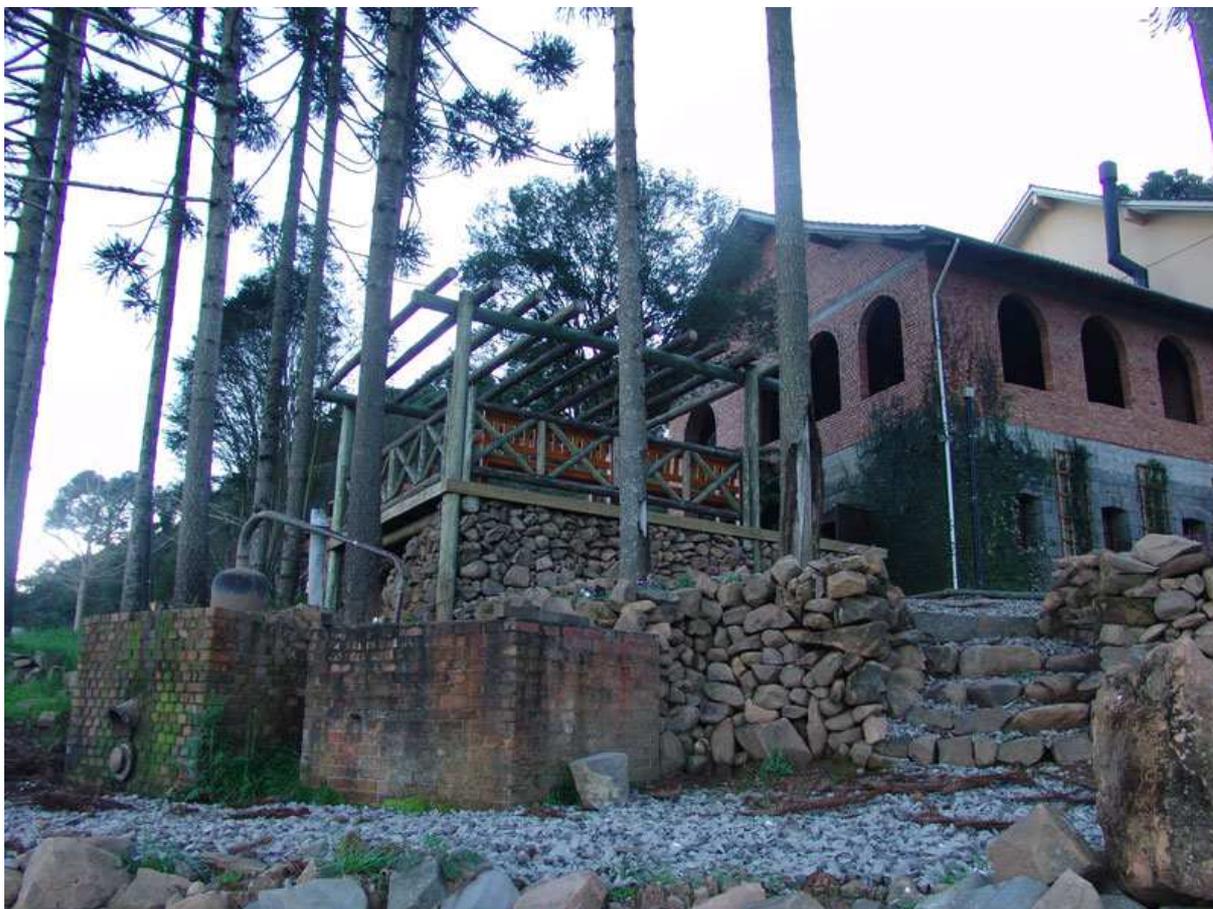
APÊNDICE R – CASA DA ERVA-MATE

Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE S – CASA DA CONFECÇÃO



Fonte: Acervo da autora.

APÊNDICE T – CASA E VINÍCOLA FONTANARI

Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE U – LOVARA VINHOS FINOS



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE V – ATUAL ESTOFADOS



Fonte: Caminhos de Pedra (2014).

APÊNDICE W – GRAN MANGIAR



Fonte: Acervo da autora.